

PAULA VANINA CENCIG

“O MENINO É O PAI DO HOMEM”
Raízes crianceiras do conhecimento

UFRN
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA ESTRATÉGIA DE PENSAMENTO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
GRUPO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE - GRECOM

“O MENINO É O PAI DO HOMEM”
Raízes crianceiras do conhecimento

Paula Vanina Cencig

NATAL
2008

PAULA VANINA CENCIG

“O MENINO É O PAI DO HOMEM”
Raízes crianceiras do conhecimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de mestre. Linha de Pesquisa: Estratégia do Pensamento e Produção do Conhecimento.

Orientadora:
Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida

NATAL
2008
PAULA VANINA CENCIG

“O MENINO É O PAI DO HOMEM”
Raízes crianceiras do conhecimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de mestre. Linha de Pesquisa: Estratégia do Pensamento e Produção do Conhecimento.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida (UFRN)
Orientadora

Prof. Dr. Norval Baitello Junior (PUC/SP)
Examinador Externo

Profa. Dra. Ana Lúcia Aragão (UFRN)
Examinadora Interna

Profa. Dra. Wani Fernandes Pereira (UFRN)
Examinadora Suplente

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas presentes neste trabalho, obrigada por espelharem em seus gestos e seus dizeres centelhas e esperanças de raízes crianceiras.

À Lydía Hortélio, Maria Amélia Pereira (Péo) e Adelsin - eles talvez nem saibam -, obrigada por despertarem o desejo, que virou este trabalho. Por incentivarem reflexões, caminhos, buscas e por semear a crença de que brincar é o que mais importa. Lembrar de vocês me faz ter força, coragem e me incentiva a lutar para que a cultura da criança seja sempre viva!

Ao Roquinho, Valéria e Levindo, obrigada! Obrigada por brincar junto. Por viver comigo a experiência de nos deixarmos guiar pelas crianças desse mundo de meu Deus.

À Simone Aranha, obrigada pelas conversas afinadas e afiadas em torno deste trabalho e pelas fiadas também, sobre a vida.

À Ana Caldas, Rogério e Rafael, obrigada pela leitura, pelo olhar sensível, pela amizade e pelas interessantes indagações e provocações.

Às Cinco Marias: Fernanda, Priscila, Simone, Patrícia e Ana. Peças-chave desta história. Obrigada antes de tudo pela amizade, eu diria pelo amor. E por me fazer querer continuar sempre nosso sonho comum.

À minha amiga-irmã Simone (Frangella) que mesmo muito longe, está sempre comigo. Sempre. Obrigada pelas leituras do projeto, por suas pertinentes reflexões e por sua amizade tão enraizada.

Aos meus amigos Luiz Gadelha, Simona Talma, Valéria Oliveira e Henrique Fontes, obrigada pela companhia leve e profunda, pelas farras e pelo alimento que a arte e a amizade trazem às nossas vidas.

Ao Zé Eduardo e família obrigada pelo carinhoso amparo na nossa chegada em Natal e pelo estímulo e curiosidade sempre presente pelo meu trabalho.

À minha família, Denise, Mirtha, Pablo, Andrea e Mari e em especial aos meus pais Elsa e Mario e meu irmão Javier, força motriz da minha vida. Gracias por absolutamente todo. Por el amor incondicional, por el ejemplo de humanismo y generosidad y por enseñarme a vivir.

Ao Daniel, meu companheiro. Obrigada Dani por apoiar com doçura meus “planos infalíveis”, inclusive este. Por me convencer que era possível. Por compartilhar comigo, todos os dias, a realização do desejo de amar e ser feliz.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

Aos meus amigos do mestrado - Kelly, Ana Cleide, Aline, Edna, Marjorie, Loreta, Laíse, Gilka, Ana Ferreira e Rodrigo e Naput (do doutorado) -, obrigada por tornar cativante navegar no mesmo barco curtindo juntos, mesmo distantes, as conquistas, náuseas e vertigens. Em especial às amigas Hostina e Analwik, obrigada por andarem nesse barco comigo, de mãos dadas.

Ao GRECOM, obrigada pela feliz morada e a todos os colegas que nela habitam, obrigada por compartilhar o sonho de querer uma ciência diferente. Em especial a Silmara (e os lindos papos sob as estrelas), Wyllys, Bosco e Samir, companheiros da travessia entre o GRECOM e a Lagoa do Piató.

À professora Ana Lúcia, obrigada pela leitura cuidadosa e carinhosa de todas as fases deste trabalho.

À Wani, obrigada pela convivência tão prazerosa, tão alegre, cativando os outros sempre com um sorriso amplo, carinhoso e verdadeiro. Por ser parceira e amiga em todos os momentos. “Aloou!”

Aos *intelectuais da tradição* Chico Lucas e seu neto Artur e a toda sua família: o coração da Lagoa do Piató. Obrigada pelas portas abertas e pelo exemplo de vida, experiência e conhecimento.

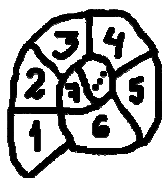
À Ceíça. Obrigada Ceíça! Obrigada! Obrigada por apoiar minhas apostas, delírios e devaneios. Por me fazer acreditar novamente na ciência. Pelo cuidado com que acolheu e incentivou este desejo, passou a sonhar junto e por estar sempre alerta para eu não vacilar na vontade de não explicar demais. Obrigada pela lucidez e embriaguez. Pela parceria, cumplicidade, sensibilidade, amizade e pelo amor. Obrigada por regar comigo os galhos, troncos e frutos das raízes crianceiras. Obrigada e “Um brinde à vida!”

RESUMO

Esta dissertação é um trabalho sobre o brincar e sua relação com a produção de conhecimento. Ela é resultado de um conjunto de experiências pessoais ligadas ao universo da cultura da criança que instigaram um olhar direcionado à forma como elas exploram o mundo e que me fizeram questionar se por trás das brincadeiras não estariam estratégias importantes de produção de conhecimento que poderiam ser incluídas no fazer ciência. Como fruto dessa reflexão e orientado pelos estudos da ciência da complexidade, o trabalho contemplou também a elaboração de um brinquedo. Este foi produzido a partir de diversos materiais (fotos, vídeos, gravações em áudios, pedras, sementes, trapos, envelopes, etc...). Minha intenção é mostrar na prática uma estratégia de pensamento mais próxima da lógica do sensível - a bricolagem - presente no brincar, para instigar a reflexão sobre a possibilidade de sua inclusão na produção do conhecimento e no fazer científico.

ABSTRACT

This dissertation is a work on playing and its relation with the knowledge production process. It is the result of a set of personal experiences with the cultural universe of children which have instigated a look into the way they explore the world and questions about the very nature of the games they play. Could we consider those games hide, or rather reveal important strategies used in the knowledge production process and in making science. In light of several studies concerning the complexity of science, this questioning has also led to the development of a toy (a box), which consists of a range of pieces (photos, video, audio, stones, seeds, rags, envelopes, etc.). My intention is to show in a practical manner a strategy of thinking similar to the sensitive logic - bricolage - present in the playing, in order to instigate the reflection on the possibility of its inclusion in the production of the knowledge and science making processes.



ConTém



APRESENTAÇÃO	8
Um desejo	8
A origem visível do desejo	9
Trajetória	9
Reflexões	11
O desejo virou projeto	12
O projeto virou jogo (ou virou o jogo?)	13
Uma explicação para o leitor brincante	15



ÚNICO CAPÍTULO	16
Peças-chave: O fio condutor e a argamassa	16
O fio condutor: Manoel de Barros	17
A argamassa: meus cacarecos	18
Regras gerais: complexidade, bricolagem, estratégia e o “orgulho do imprestável”	20
Minha brincadeira, minha bricolagem: o sim, o não, talvez...	29



A CAIXA-JOGO EM FORMA ESCRITA	33
A caixa	33
Abrindo a caixa	34
A boneca	36
O bilhete da boneca	37
O tabuleiro	39

O tabuleiro - A casa 1: O jogo da memória	40
O tabuleiro - A casa 2: A caixa de cacarecos	45
O tabuleiro - A casa 3: As fotos da construção	48
O tabuleiro - A casa 4: O bloco de memórias	54
O tabuleiro - A casa 5: O pergaminho que conta uma história	58
O tabuleiro - A casa 6: O vídeo	65
O tabuleiro - A casa 7: A chave do enigma	123



BIBLIOGRAFIA

127



A CAIXA

APRESENTAÇÃO

“O menino é o pai do homem.”

William Wordsworth

“A gente se negava corromper-se aos bons costumes. A gente examinava a racha dura das lagartixas. Só para brincar de ciência.”

Manoel de Barros

“Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas *raízes crianceiras* a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. Era o menino e as árvores”.

Manoel de Barros

UM DESEJO

Um dia li a seguinte frase, escrita pelo poeta Cassiano Ricardo: “o mundo poderá ser salvo se o homem desfizer a distância que o separa da infância”.

Fiquei dias, meses, pensando sobre essa frase. Fiquei pensando que então eu gostaria de poder salvar o mundo, pois eu gostaria de procurar um caminho de desfazer a distância que separa o homem da infância.

Por quê?

Porque acredito, como diz outro poeta na frase que intitula este trabalho, que “o menino é o pai do homem”. Porque acredito que em nossas “raízes

crianceiras” encontram-se estratégias de pensamento que permitem ao homem olhar o mundo permanentemente sem nunca se acostumar com ele e produzir conhecimento sem perder a sensibilidade, a criatividade e a possibilidade de se espantar.

Assim, meu desejo e desafio é contribuir para a reflexão sobre a possibilidade de uma ciência que tenha consciência da importância de suas “raízes crianceiras”. A minha aposta está na busca de elementos presentes na lógica de “ser criança” que mesmo adultos nos permitam uma visão de mundo que supere a cisão entre razão e emoção e entreteça a “totalidade mente, corpo e cosmos”.

Isto é, desejo realizar um trabalho que espelhe através dos sinais da infância na fotografia - “poesia do gesto” - e na literatura - “poesia da fala” - a necessidade de incluir a “lógica do sensível” no caminho da construção do conhecimento.

Fernando Sabino disse que quando menino os mais velhos lhe perguntavam o que ele ia ser quando crescesse. E que não perguntam mais. Se perguntassem, ele diria que queria ser menino. Essa idéia é para mim a metáfora da reflexão que eu gostaria de fazer. Se perguntassem à ciência o que ela gostaria de ser quando crescesse, talvez ela pudesse e devesse responder: criança.

A ORIGEM VISÍVEL DO DESEJO

Trajetória

Após me formar em 1993, em Ciências Sociais, e ter desistido de um mestrado em Ciência Política, em 1998, encontrava-me afastada da Universidade trilhando outros caminhos que me aproximaram da reflexão sobre o brincar e

sobre a cultura da criança e instigaram meu desejo de “afastar a distância que separa o homem da infância”.

Durante o ano de 2002 fui aluna do “Curso de Formação de Educadores Brincantes”, realizado no Teatro Escola Brincante (SP), cujo enfoque era a reflexão sobre a importância da brincadeira na vida das crianças buscando caminhos para a construção de uma prática de educação sensível.

Os diversos módulos do curso foram conduzidos pela aposta em acreditar que quanto mais amplas e livres forem as experiências das crianças ao brincar, mais rica e diferenciada será a sua compreensão do mundo e a sua aquisição de conhecimento.

Ao longo de 2003 trabalhei como assessora em uma ONG¹ acompanhando o processo de implementação do Programa “Casas de Cultura” em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha/MG. Este Programa teve início em meados de 1997 e tem como objetivo geral a implantação de espaços para encontro e convivência da comunidade através de atividades cotidianas que valorizam a cultura local, principalmente no que diz respeito ao universo infantil, tanto das crianças de hoje como daquele presente na vida e nas memórias dos mais velhos.

Ainda em 2003, juntamente com quatro colegas de vida e do curso de Arte-Educação acima citado, formamos um grupo denominado *Cinco Marias*. Uma das atividades principais do grupo vem sendo, desde sua constituição, a coordenação de oficinas de brinquedos e brincadeiras - principalmente para professores da rede pública - por meio das quais enfatizamos a troca de experiências apostando na construção coletiva de conhecimento, valorizando as memórias e histórias da

¹ O Fundo Cristão para Crianças, de Belo Horizonte, que tem como objetivo primordial promover o desenvolvimento da criança e do adolescente, com o envolvimento da família e comunidade, através de ações que fortaleçam o exercício da cidadania e a melhoria das condições de vida. Realiza diversos programas: Educação Infantil, Saúde, Segurança Alimentar, e o Programa de Casas de Cultura, do qual fui assessora. Apesar de ser um Fundo Cristão em nenhum momento houve o enfoque religioso ou missionário em nossas atividades.

infância, procurando refletir sobre o papel do brincar na formação e atuação dos educadores.

Reflexões

No decorrer desta trajetória fui construindo uma reflexão sobre o saber que se elabora quando somos crianças e brincamos. Isto é, através do contato com as crianças nas comunidades que visitei, dos relatos da infância de brincantes e professores e do olhar que essas vivências me “despertaram” passei a prestar atenção às estratégias por meio das quais as crianças - inclusive as que fomos - conhecem o mundo.

Estimulada pelas crianças no seu brincar passei a observar coisas como: a melhor forma de fazer uma pipa voar; o mês certo para cada brinquedo, como o mês de vento perfeito para soltar a pipa no espaço e o mês das chuvas bom para se jogar bolinhas de gude, pois a terra está molhada; o melhor modo para se juntar objetos e fazer com que um carrinho de lata, ou de plástico, ou de pilha tenham uma engrenagem perfeita para rodar por aí; a melhor maneira de se montar e desmontar brinquedos novos (quebrar né?) para entender seu mecanismo de funcionamento; a dimensão necessária para desenhar no chão o jogo de amarelinha, relacionado-a ao tamanho do próprio corpo; o equilíbrio possível nas guias da cidade; as diferentes texturas do mundo circundante; as formigas e suas trilhas para um lugar escondido; o desafio de transformar objetos aparentemente inúteis em diferentes brinquedos; etc.

Passou a chamar muito a minha atenção o modo como as crianças aproveitam os “desperdícios”, tudo o que se encontra por acaso à mão, para elaborar seus brinquedos em um processo de adaptação constante a novas circunstâncias.

Observando as crianças brincando, mesmo quando não achamos que é isso que estão fazendo, percebemos a introdução de elementos ou materiais de outros contextos e com outros destinos para a elaboração do elemento necessário para sua tarefa de brincar.

Todo esse processo de montagem e desmontagem acaba se constituindo em cada criança, por diversos caminhos, um modo de conhecer e dialogar com o mundo. É preciso apenas deixá-las ser criança.

O DESEJO VIROU PROJETO

A gestação deste projeto começou quando cheguei a Natal/RN em 2004 e assisti como ouvinte uma disciplina oferecida pelo curso de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN intitulada “Teorias Contemporâneas da Cultura” ministrada pela professora Ceiza Almeida, hoje minha amiga e orientadora.

Neste curso e em algumas visitas aos dias de estudo do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM - tive acesso a diversas leituras e discussões sobre o pensamento complexo que me fizeram vislumbrar uma possibilidade de encontrar ecos para o meu desejo dentro da academia.

Intuí que havia pontos e pontes entre as apostas realizadas pelo GRECOM com as diversas reflexões advindas da minha história de vida e de minhas experiências profissionais relacionadas ao brincar e à cultura da criança. Intuí que um Grupo de Estudos que escolheu como estilo de vida apostar “na produção do conhecimento capaz de transformar sementes de morte em sementes de vida; que preferiu olhar para o mundo com lentes polifônicas, como condição de entender os fenômenos do mundo em sua complexidade; que decidiu politizar a ciência através do compromisso diário de suas práticas de vida; que acreditou na ‘boa utopia’ de um

mundo onde homens, mulheres e crianças possam, com maior frequência, ‘rir, sorrir e gargalhar’”² poderia ser uma feliz morada para meus desejos.

Fiquei com vontade de acreditar na minha intuição e de aprofundar os meus devaneios sobre a relação entre o brincar, as estratégias do pensamento e o pensamento complexo.

O PROJETO VIROU JOGO (ou virou o jogo?)

“Uma criança pode fazer uma casinha de panos, dali a pouco tira o pano da parede e embrulha nele o seu nenê para passear. Logo ela junta as cadeiras para formar um ônibus, mas, de repente, vê algumas pedrinhas no chão, que são os peixinhos que ela vai pescar. O barco é uma casca de coco. Quando a casca está cheia, despeja tudo no chão porque quer usar o coco como panelinha, enchendo-o novamente com serragem e pondo-o no fogão, que ela monta com pedacinhos de pau. Assim vai...”

Renate Keller Ignácio

Assim foi...

Após apresentar o texto do primeiro seminário, no qual colocava meu desejo e meu projeto, e após realizar algumas leituras, avaliar e analisar todo o material e o imaterial que eu tinha em mãos, chegou a hora de escrever.

Mas como seria? Havia algo que me impedia de procurar a forma apenas escrita de colocar meus pensamentos, sentimentos e reflexões. Algo me impelia a buscar outros caminhos para a dissertação.

Fui ter então uma conversa com Ceíça, minha orientadora.

- “Ceíça, não consigo escrever!” - eu disse, e ela fez uma careta. Mas logo eu acrescentei “Mas vou explicar porque. Eu queria fazer de outra forma.”

E a resposta dela foi lacônica: “Faça!”

² Site do GRECOM - <http://www.ufrn.br/grecom/>

Eu fiz.

Eu queria fazer diferente não por capricho, ou por rebeldia, mas por coerência. Para falar que as crianças brincam fazendo ciência achei coerente apostar em fazer ciência brincando.

Assim, no processo de realização desta dissertação e na tomada de algumas decisões antes de sua concretização, concluí que para ele ter sentido e caminhar em sintonia com o meu desejo, ele teria que seguir a lógica daquilo que eu me propunha a falar. Optei por correr alguns riscos e ao invés de falar da complexidade, me debruçar sobre o estado da arte, ou recorrer a diversas citações, resolvi juntar meus “cacarecos”, meu pedaço de pano, minha casca de coco, minhas pedras, e tudo que pudesse servir e construir meu brinquedo, utilizando para isso a ferramenta que eu tinha em mãos e da qual eu queria falar.

Ou seja, meu exercício de fazer ciência brincando foi a busca de elaborar um jogo que, ao entrelaçar os diversos tipos de leituras feitos na minha trajetória antes e durante o mestrado, trouxesse à tona a importância da inclusão na produção de conhecimento dos operadores cognitivos sensoriais, simbólicos, empíricos, emocionais, místicos, intuitivos e racionais presentes não apenas nas crianças ao nosso redor, como também em nós mesmos, nas nossas “raízes criancinhas” e tentar, com isso, ajudar à ciência para que um dia ela possa responder quando perguntarem o que quer ser quando crescer: Criança!

UMA EXPLICAÇÃO PARA O LEITOR BRINCANTE

Após esta apresentação, inicia-se oficialmente o jogo. E algumas decisões passam a estar na sua mão.

O trabalho que se segue está composto por diversas partes que se auto-referem:

- 1) Uma parte teórica onde me debruço sobre alguma bibliografia que é a que constitui o cimento silencioso das outras partes;
- 2) A versão escrita do jogo, no qual seu manuseio será bastante limitado;
- 3) A caixa/jogo em si, no interior do qual, as regras são coordenadas internamente por um dos elementos que compõem a caixa.

Ela possui este formato principalmente pelo fato da acessibilidade, uma vez que o que se segue “escrito” duplica a caixa/jogo que por ser artesanal e de difícil confecção terá uma tiragem limitada e portanto nem todos poderão manusear.

Mesmo que você não venha a manusear o jogo, acredito que o objetivo principal do meu argumento não se perde. Assim espero.

Entretanto, a quem tem todo o material em mãos, cabe decidir se quer ler a parte teórica, se quer ver a escritura da caixa, ou se quer brincar. Uma não exclui necessariamente a outra e a ordem dos fatores faz sim a diferença, mas a leitura de cada leitor também.

ÚNICO CAPÍTULO

“Brincar é a mais elevada forma de pesquisa”

Einstein

Bom, se você veio para este capítulo é porque tem interesse em saber um pouco mais sobre o jogo antes de brincar-lo. O que tenho a oferecer aqui é o alicerce do jogo, isto é, uma breve discussão sobre o referencial literário e teórico que sustenta a construção da caixa que constitui este trabalho.

A reflexão busca elucidar o que fiz e o que não pretendi fazer. Afinal, é sempre uma questão de escolha.

PEÇAS-CHAVE: O fio condutor e a argamassa

“A poesia, que faz parte da literatura (...) leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente - sujeitos à utilidade e à funcionalidade -, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. (...) Em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana (...) a literatura revela o valor cognitivo da metáfora, que o espírito científico rejeita com desprezo”.

Edgar Morin

“Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis. Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre conchas, osso de arara, pedaços de pote, sabugos, asas de caçarolas etc. E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro. O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho. Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhão. O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes. Era sempre um barbante sujo. Eram sempre umas latas tristes. O menino é hoje um homem douto que trata com física quântica. Mas tem nostalgia das latas. Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes.”

Manoel de Barros

O fio condutor: Manoel de Barros

Este senhor poeta tem um papel fundamental no meu trabalho. Seus poemas, suas metáforas, suas imagens visuais, me encantaram no primeiro dia em que li uma frase dele e sempre ecoaram na minha reflexão sobre o brincar. Acho que sem ele quase nada faria sentido.

É através de seus poemas que todo o resto se concatena.

É nos seus poemas que vejo um “pensamento profundo sobre a condição humana” e no qual percebo o “valor cognitivo da metáfora” e me permito usa-los sem limites para promover a reflexão que pretendo incitar com minha brincadeira.

A poesia de Manoel de Barros além de costurar o jogo representa, em si, a própria lógica da qual o jogo pretende falar. Pois para mim ele é um *bricoleur*³ de palavras que incorpora em sua escrita para falar da infância a “mania” da criança de montar brinquedos com restos de outras matérias do mundo.

“A poesia de Manoel de Barros articula-se no patamar de brincadeira (...) Como o material tematizado é o entulho, o traste, a sobra, a ordem de seu chão é criar novos objetos a partir dos abandonados. Ou de dar novas modalidades às coisas imprestáveis”. (Carpinajear)⁴

Isto é, sua poesia opera na escrita o que descreve pela escrita. Brinca e bricola ao falar do brincar e de sua lógica. E por isso ele é uma das peças chaves do meu trabalho que pretende brincar e bricolar com ele e a partir dele.

Através de sua poesia, Manoel de Barros nos leva à “dimensão poética da existência humana”. Esta é a contribuição que busco para tentar nos trazer à tona, através das memórias e imagens que cria em cumplicidade com as imagens

³ Alusão ao texto de Levi-Strauss, *O Pensamento Selvagem*, no qual utiliza a imagem do *bricoleur*, que será trabalhada mais adiante por ser parte fundamental do trabalho. Mas, resumidamente o *bricoleur* é aquele que aproveita coisas que aparentemente não servem mais, “para o mesmo uso ou para um uso diferente” sendo necessário para isto, operar mais próximo de uma lógica do sensível.

⁴ Fabrício Carpinajear no site http://www.revistazunai.com.br/ensaios/manoel_de_barros_carpinejar.htm (ver bibliogr.)

que fiz, as nossas raízes crianceiras e que a partir delas nos sentimos instigados a incluir a “lógica do sensível” no caminho da construção do conhecimento.

A argamassa: meus cacarecos

Ao longo da trajetória contada neste projeto bem como no meu cotidiano venho juntando material sobre adultos e crianças brincando em diversas situações e espaços.

Nas oficinas de formação coordenadas pelo *Grupo Cinco Marias*, nas minhas idas à Lagoa do Piató (Assu/RN) durante o mestrado, durante um trabalho como arte-educadora no Projeto Ruas da Memória (Rocas-Natal/RN) e em meu trabalho na ONG, registrei diversas imagens - bem como capturei em áudio e vídeo - cenas, depoimentos e relatos sobre o brincar. Também produzi, durante o ano em que trabalhei como assessora nas Casas de Cultura do Vale do Jequitinhonha, diários de campo sobre reflexões acerca das questões apontadas neste trabalho.

Imagens:

As fotografias e vídeos foram feitas tanto em situações em que eu me encontrava em contexto de pesquisa ou em minhas caminhadas por aí, em que sempre me encontro com uma câmara na mão, nos seguintes locais:

.Fotos do Vale do Jequitinhonha (MG) feitas durante trabalho de assessoria à ONG Fundo Cristão para Crianças entre Abril e Novembro de 2003, nas seguintes comunidades: Malhada Branca, Tum Tum, Tocoíós, São João de Baixo, Minas Novas, Córrego da Velha, Jequitinhonha, Itaobim, Padre Paraíso, Jenipapo de Minas, Diamantina, São Gonçalo do Rio das Pedras, São Gonçalo

do Rio Preto, Veredinha, Tombadouro, Abadia, Córrego do Ouro Abaixo, Malhada Branca, Turmalina, Garça, Ouro Fino, Vila São José, Milho Verde;

.Fotos feitas durante passeio, em Natal, Galos, Pipa (RN) ao longo de 2004 e 2005;

.Fotos e vídeos feitos na Lagoa do Piató (RN) em 2006 e 2007 durante o processo do mestrado, ao acompanhar as pesquisas de Ceiça Almeida, Wani Pereira, Wyllys Farkatt e Silmara Marton à Lagoa do Piató, sendo muito presentes o pescador Chico Lucas e sua família.

Diários de Campo

.2 cadernos com anotações, reflexões, sentimentos, versos, escritos durante um ano de caminhada ao longo do Vale do Jequitinhonha.

Material em áudio

.15 fitas com áudios gravados durante 2004 no Vale do Jequitinhonha contendo: cantigas de roda; brincadeiras de crianças; histórias contadas; adivinhações; relatos de memórias de infância; depoimentos sobre o trabalho nas Casas de Cultura;

.30 arquivos em áudio (MP3) contendo conversas com Chico Lucas e Família na Lagoa do Piató/RN durante 2006 e 2007;

.Gravações diversas (em MP3) contendo conversas com moradores das Rocas - Natal/RN - durante pesquisa sobre a memória do bairro, em meus trabalhos no “Projeto Ruas da Memória”, durante 2005 e 2006.

Estes cacarecos não aparecem necessariamente de maneira explícita, principalmente os diários de campo, mas funcionaram como argamassa sutil.

Foram a matéria bruta que pretendi lapidar à luz da bibliografia trabalhada a seguir e guiada pelo fio condutor para construir o meu brinquedo.

REGRAS GERAIS - Complexidade, a bricolagem, a estratégia e o “orgulho do imprestável”

“Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável que o solene. Para limpar as palavras de alguma solenidade uso bosta. (...) Nasci para administrar o à-toa, o em vão, o inútil. (...) É no ínfimo que vejo a exuberância. Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia, de formiga e musgo - elas podem um dia milagrar de flores. Também as latrinas desprezadas que servem para ter grilos dentro - elas podem um dia milagrar violetas. (...) Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis. Seria um autodidata?”

Manoel de Barros

“Um dia desses, na Inauguração da Casa de Cultura de Veredinha, conheci seu Zé Luis, fazedor de pião de coquinho. Numa conversa tranqüila, com a paciência do tamanho de sua idade, quase oitenta anos, me explicou todo o processo de elaboração do seu brinquedo. Explicou quantas vezes foi necessário. Contento por compartilhar comigo o seu saber, me disse “obrigado por fazer conta de mim”. Mas apenas explicar não lhe pareceu suficiente. Agachou-se curvo e sabido em direção ao chão, “cavucou” a terra, procurou e, enfim, achou um galhinho que se prestasse perfeitamente à explicação de parte de sua obra. Faltava o coquinho. Mas não demorou a aparecer um menino com um coquinho na mão, curioso também de aprender a fazer aquele pião com seu Zé Luis. Aí não faltava mais nada. Ele relatava enquanto mostrava como teria que fazer: ‘lixar aqui prá ficar achatadinho, aí faz um furo bem certinho que entra aqui e sai ali... ponteia esse pauzinho e coloca.... daí gira assim com as mãos’ e sorrindo me fez acompanhar com o olhar seu dedo a indicar a trajetória que faria o pião no chão a rodar, ‘ele sai fazendo zuuuuuuummmm, correndo, rodando’.E finalizando nossa aula contou que faz pião para seus netos, que aprendem a ler na escola e outras coisas na rua, com o pião”.

Trecho de meus diários de campo do trabalho nas comunidades do Vale do Jequitinhonha

A regra básica que buscou orientar este trabalho é um aspecto do método complexo que é a questão do método como estratégia versus o método como programa, e esta estratégia, no caso do brincar e do meu trabalho é a bricolagem.

É sobre esta questão que minhas leituras se orientaram prioritariamente e das quais falarei mais adiante.

Entretanto entraram outros interlocutores que também fizeram parte das leituras que fiz ao longo da minha trajetória. São autores que sistematizaram suas experiências de educadores e brincantes e suas reflexões sobre processos de formação e que contribuíram para dar corpo às idéias aqui apontadas e que foram cruciais para o meu entendimento sobre a brincadeira, me permitindo depois manter uma lógica entre o que eu analiso e o que pretendi fazer.

Em seu livro *Antropologia da Criança*, Clarice Cohn afirma que “a diferença entre o adulto e a criança não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa”. (Cohn, 2005: 33)

Ângela Nunes faz em seu texto uma revisão sobre o tema da infância no contexto mais amplo dos interesses da produção científica em Antropologia e, após constatar a dificuldade de encontrar interlocutores, nos oferece os resultados de sua pesquisa sobre a sociedade das crianças A’uwê-xavante. Uma reflexão interessante que faz em seu texto é sobre

“a dificuldade que temos em, uma vez tornados adultos, prestar atenção ao mundo da criança. Isto nos acontece como indivíduos em relação à nossa própria infância, e nos acontece também como pesquisadores em relação as nossas informações de campo, refletindo-se naquilo que estudamos e como estudamos”. (Nunes, 1999: 56)

Em outra passagem, a autora diz que “brincar é conhecer” e que portanto “é preciso ter a coragem e a humildade de entender esse universo [da brincadeira] como sendo uma profunda manifestação de conhecimento que vem das crianças em direção a nós, e não no sentido oposto”. (Nunes, 1999: 64)

Nesta mesma direção, também estão os textos produzidos principalmente por Maria Amélia Pereira e Lydia Hortélio que são duas pessoas fortemente responsáveis pelo início da minha trajetória que hoje se encontra nesta fase do mestrado. Os escritos delas são frutos de suas reflexões sobre processos de formação voltados para uma lógica sensível do modo de produção de conhecimentos das crianças.

Segundo Pereira⁵

“assistimos o homem moderno especializando-se a cada dia na sua capacidade de ‘anestésiar’ a sua relação com a vida, aniquilando claramente e com mais eficácia a expressão do que poderíamos chamar sensibilidade, uma espécie de inteligência interna. (...) A superação da unilateralização do intelecto na nossa educação, a reunião da unidade corpo-alma, certamente permitirá uma reconciliação do homem com a natureza reconhecendo em seu íntimo o reflexo do princípio unificador presente no cosmos”.

A segunda autora nos fala diretamente sobre a cultura da criança, definindo-a como algo que “vai sendo tecido de gestos, dos impulsos de união, de busca, de vida, do ser humano ainda novo, cada um consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Cada Brinquedo de Criança é um impulso de vida, um gesto de evolução, uma forma de realização e crescimento”. (Hortélio, in: Adelsin, 1997)

⁵ http://www.aliancapelainfancia.org.br/paginas/aprendiz_nato.htm

Ainda na busca de fundamentar o argumento que sustentasse a idéia da relação entre o método complexo, o brincar e a construção do conhecimento, também li outras coisas.

Li a *Poética do Espaço* de Gaston Bachelard que me trouxe alento para o uso de **metáforas** e para a contribuição que as **imagens** podem trazer para uma reflexão.

Li *Homo Ludens* de Joahn Huizinga que me provocou quanto às reflexões sobre a **ludicidade** presente em diversas atividades humanas, inclusive na guerra!!!!

Li *Experiência, Vida e conhecimento*, tese de Rita Ribeiro, que me complementou nas idéias de que a **experiência** é a “alma do negócio”.

Li *Criança, Brinquedo e Educação* de Walter Benjamin, que me brindou com a idéia de que o **brincar é da cultura**.

Li o livro *Alfabetos da Alma* de Carlos Aldemir Farias que ao falar da importância de narrar histórias me abraçou com a importância da **imaginação** na produção de conhecimento.

Li *Brinquedo Sucata e Imaginação* de Marina Marcondes Machado que reforçou as idéias da **brincadeira** e **bricolagem** como **experiência** e **conhecimento**.

Reli *A Cabeça Bem-feita* de Edgar Morin que me seduziu com a idéia/argamassa do trabalho de que “pelo poder da linguagem, a **poesia** nos põe em **comunicação com o mistério**, que está além do dizível”.

Devorei os livros *Agenda de Sabine* e *Griffin & Sabine* de Nick Bantock, fonte de inspiração estética, só não vou contar porque, para quem não leu, querer lê-los.

Foi entretanto nas leituras sobre a questão do método como estratégia, da qual fala o pensamento complexo e sobre a bricolagem, principalmente nos trabalhos de Claude Lévi-Strauss que despendi maior tempo e mais atenção uma vez que era sobre estas questões que meu trabalho navegaria.

O orgulho do imprestável; a atenção a coisas “desimportantes”; montar, desmontar e remontar objetos; fazer miniaturas, usar as coisas com diferentes funções, sem muita “lógica”, sem uma ordem estabelecida a priori; etc. Todas estas são coisas que as crianças fazem ao brincar e isto parece ter uma relação muito próxima com o Método Complexo de modo geral e especificamente no que diz respeito às diferenças entre programa e estratégia. Parece também haver uma relação com as análises sobre o pensamento selvagem de Claude Lévi-Strauss no que diz respeito à operação por bricolagem do pensamento mágico.

Lendo o Paradigma Perdido, livro de Edgar Morin de 1973, onde são discutidas diversas questões que serão aprofundadas posteriormente nos livros sobre o Método⁶ este autor faz uma colocação interessante para o tema que pretendo discutir. Diz ele:

“ao tornar-se adulto, o homem ‘reprime’ a cultura feminina e a cultura juvenil que viveu, mas essa repressão não é necessariamente permanente nem total. Além disso, e talvez desde a sociedade hominídea, mas cada vez mais nas sociedades evoluídas e modernas, vemos surgir no homem aspectos femininos e aspectos juvenis. Vemos um ser de complexidade instável, capaz de passar da dureza implacável do caçador-guerreiro à doçura, à bondade, à piedade da parte feminino-maternal que conserva (e isso atualiza a parte genético-endócrina feminina que todo o macho traz em si). **Nós pensamos que, sem dúvida, o homem ‘se humaniza’ desenvolvendo a juvenilidade na sua vida adulta. É evidente que**

⁶ Métodos I, II, III, IV, V e VI

tal humanização está longe de se completar nos nossos dias, embora daqui por diante surja como uma profunda necessidade cultural do nosso desenvolvimento contemporâneo”. (Morin, 1973: 75)

Neste livro o autor já lança diversas questões que dizem respeito ao Método Complexo. Debruça-se nas reflexões acerca da biologia, animalidade, humanidade e existencialidade do conhecimento (que serão discutidas mais profundamente no Método III) para pensar como a humanidade do conhecimento se autonomiza das necessidades práticas imediatas da animalidade do conhecimento - apesar de não suprimi-las - e adentra o universo do desejo e do prazer de conhecer.

Esta pode ser uma das entradas à questão da diferença entre método enquanto estratégia ou programa. Isto é a discussão acerca das estratégias de conhecimento de que irão se valer o desejo e prazer de conhecer.

O método enquanto programa pressupõe que seja possível partir de um conjunto de regras fixas e permanentes, que podem ser seguidas de modo mecânico. No entanto, a realidade se transforma constantemente.

Assim, faz-se necessária outra concepção de método através do qual os sujeitos não sigam apenas receitas prontas para atingir um fim, mas que sejam pensantes e estrategistas, capazes “de aprender, inventar e criar ‘em’ e ‘durante’ o seu caminho”. (Morin, 2003: 18)

Desta forma, o método enquanto estratégia, não precede a experiência, emerge no decorrer desta e, portanto, o método age nele mesmo. Isto é, como diria Morin “o método aprende”, pois é “uma estratégia do sujeito que se apóia em segmentos programados para o futuro, que são revistos em função da dialógica entre essas estratégias e o caminhar”. (Morin, 2003: 28)

É como uma viagem, em que por mais que voltemos ao mesmo lugar, a caminhada/trajetória que fizemos interfere nas nossas vidas e voltamos transformados, alterando nossa relação com o lugar do qual partimos.

Assim, enquanto o programa é uma organização determinada a priori, antes da ação, diferentemente a estratégia encontra recursos, realiza avanços e recuos, desvios, investimentos, tentativas, erros, etc.

“O programa efetua a repetição do mesmo no mesmo, ou seja, necessita de condições estáveis para sua execução. A estratégia é aberta, evolutiva, enfrenta o imprevisto, o novo. O programa não improvisa nem inova, mas a estratégia sim. O programa só pode experimentar uma dose fraca e superficial de risco e de obstáculos em seu desenvolvimento. Para alcançar seus fins, a estratégia se desdobra em situações aleatórias, utiliza o risco, o obstáculo, a diversidade. O programa tolera apenas uma dose fraca e superficial de erros em seu funcionamento. A estratégia tira proveito de seus erros. O programa necessita de um controle e de uma vigilância. A estratégia não só necessita deles, mas também a todo momento, de concorrência, iniciativa, decisão e reflexão.” (Morin, 2003: 29)

Neste referencial da discussão sobre estratégia e programa há uma ponte clara com a questão da diferenciação entre as estratégias do bricoleur e do engenheiro abordadas por Claude Lévi-Strauss em “O Pensamento Selvagem”.

Neste livro o autor faz diretamente uma referência ao pensamento mágico para, ao analisa-lo, demonstrar que não existe o pensamento do selvagem porque não existe o homem selvagem. Isto quer dizer que todos os seres humanos estão no mundo com a mesma condição estrutural que fomos constituídos enquanto espécie.

Existe sim uma diferenciação de duas estratégias de pensamento acessíveis a todos os homens: o pensamento selvagem e o pensamento domesticado. O

primeiro é o que opera preferencialmente por bricolagem - definindo aí a figura do bricoleur - que permite utilizar coisas que aparentemente não servem. Imprestáveis! O segundo seria o equivalente ao pensamento do engenheiro, que só usa as coisas que foram definidas a priori.

O pensamento mágico-selvagem, não é um estado pré-científico, um estágio anterior do pensamento e sim uma forma particular de ciência mais próxima da lógica do sensível.

“Existem dois modos diferentes de pensamento científico, um e outro funções, não certamente estádios desiguais do desenvolvimento do espírito humano, mas dois níveis estratégicos em que a natureza se deixa abordar pelo conhecimento científico - um aproximadamente ajustado ao da percepção e ao da imaginação, e outro deslocado; como se as relações necessárias, objeto de toda ciência, neolítica ou moderna, pudessem ser atingidas por dois caminhos diferentes: um muito próximo da intuição sensível e outro mais distanciado”. (Lévi-Strauss, 1989: 30)

Assim, poderíamos dizer que o *bricoleur* é aquele que usa a estratégia enquanto método, e o engenheiro, o programa.

É importante, no entanto, ressaltar que todo pensamento é uma forma de objetivação do conhecimento, ou como diz Morin, “nascer é conhecer” e que, tanto o pensamento selvagem como o pensamento domesticado, o mágico e o científico, o bricoleur e o engenheiro, a estratégia e o programa, coexistem no homem.

Acredito que as crianças sofreram (e ainda sofrem) do mesmo preconceito que o pensamento selvagem, quando pensa-se que elas se encontram em “outro estágio do desenvolvimento do espírito humano”, que são um “esboço” dos

adultos, “a estréia” de um ser humano que um dia será completo, “a parte de um todo ainda não realizado” e que no fundo, precisam ser domesticadas.

Será?

Estamos nos acostumando a dizer que na cidade, na era tecnológica, na era do vídeo game e computador, as crianças não brincam mais. Eu não sei se concordo. De fato as crianças brincam com estes “novos brinquedos”, mas crianças não deixam de ser crianças, nós é que deixamos. Dizer que elas não brincam mais é a interpretação dos adultos que deixaram de acreditar nas “raízes crianceiras” do ser humano.

Será mesmo que nós - as crianças de ontem - e as crianças de hoje perdemos definitivamente a “capacidade” de brincar de ciência? Será mesmo que é possível abandonarmos definitivamente uma das estratégias de pensamento em detrimento de outra? Será que definitivamente o homem precisa recorrer a usar o programa em detrimento da estratégia? Será que ocorreu a derrota do *bricoleur* pelo engenheiro?

Por muitos caminhos diversas pesquisas vêm mostrando que não. E eu pretendo contribuir nesse conjunto de caminhos. Pretendo que meu brinquedo de ciência contribua para desfazer “a distância que separa o homem da infância” encontrando um caminho possível de religar a ciência com suas “raízes crianceiras”.

Crianças brincam de fazer ciência.

Quero fazer ciência, brincando.

MINHA BRINCADEIRA, MINHA *BRICOLAGEM*

O sim, o não, talvez...

“No homem a atividade lúdica se estende por toda a vida e é fonte de fortalecimento de sua criatividade e portanto de suas forças”.

Norval Baitello Júnior

“A ‘fabricação’ do *Homo sapiens* nunca deu conta de ‘um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser híbrido que produz desordem. E como chamamos loucura a conjunção da ilusão, do descomedimento, da instabilidade, da incerteza entre o real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o *Homo sapiens* como *Homo demens*”.

Edgar Morin

“O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem.”

Manoel de Barros

Quando fiz minhas escolhas e tomei a decisão de que o trabalho teria que ser um brinquedo, fiquei uns dias macerando a idéia e pensando se eu não estaria delirando. Fui compartilhar com Ceíça que não fez outra coisa que me estimular e me mostrar como era coerente com o que eu queria dizer e com o pano de fundo mais geral que é o método complexo.

O que mais me estimulou, foi ela me relembrar de uma conversa que tivemos quando eu a procurei com a intenção de me candidatar ao mestrado. Nessa conversa eu disse a ela que meu medo era matar o brincar por ter que falar dele. Dilacerar o que eu achava sobre o brincar, ao falar disso. Engessar meu prazer pelo assunto, que agora acompanhava minha trajetória de vida, por ter que

explicar demais. Empobrecer uma imagem ao nomeá-la. “Definir é sempre uma forma de matar”⁷.

Na retomada dessa conversa, quando iniciava a dar forma ao meu trabalho e tinha algumas dúvidas, Ceíça me lembrou então nosso papo inicial e disse que para ela era um desafio eu manter acesa a vontade de realizar meu trabalho, ainda acreditando na possibilidade de não “matar” o brincar. E por isso era completamente coerente sua atitude de me responder “faça”, quando eu disse que queria fazer de outro jeito.

Para mim, foi como se eu tivesse perguntado: “Deixa eu brincar de ser feliz!”⁸ E ela respondeu: Seja!

E assim, fiz do processo de montagem da minha dissertação, minha brincadeira.

Como já disse anteriormente Manoel de Barros é o fio condutor e o estopim de vários delírios. Li Manoel de Barros. Li Manoel de Barros. Reli. Li e reli.

Quanto mais lia, mais me convencia de que nas entrelinhas de seus poemas está o pensamento complexo. Manoel de Barros faz metáforas, faz imagens, pensa selvagem, brinca, bricola, juveniliza a gramática, a literatura, a vida, faz experiências, imagina e faz imaginar.

Assim, rendida, peguei minha bagagem de leituras, meus cacarecos, e fui atrás desse poeta fazendo entretanto a minha bricolagem de “tudo que poderia servir”. Na construção do meu brinquedo usei a mesma lógica da qual nele falo. O método quanto estratégia, sendo esta estratégia a da bricolagem. Uma lógica sensível, na qual entraram todos os objetos, objetivos e delírios da caminhada, de sua concepção à ao próprio processo. Uma lógica na qual estive inteira, inserida,

⁷ Dietmar Kamper, pg.13

⁸ Trecho de música de Los Hermanos (Todo Carnaval tem seu fim)

sujeita a tempestades, desânimos, desilusões, frustrações, novos caminhos e principalmente onde tive que estar alerta e atenta a tudo que pudesse servir. Naquele momento.

Em resumo, quis falar de uma estratégia do pensamento e da ação, ligada ao brincar, que está relacionada à complexidade, usando a própria estratégia no ato de criação. Em muitos momentos vacilei e em outros fui até questionada.

O principal questionamento que considerei foi também o que me fez entender melhor ainda o que eu queria e o que não queria fazer.

Fui questionada sobre a necessidade de explicar o processo mais do que mostrar o produto das estratégias que estavam por trás de cada brincadeira.

Passei dias ruminando aquilo e percebi que esse era justamente o nó da questão. Explicar o quê? Será que eu teria que analisar e descrever porque a rodinha do pneu tem que ser de determinado jeito e porque se coloca um eixo e em que ângulo se coloca o eixo e onde vai o prego? Ou porque é que uma criança pega um pedaço de madeira e o encaixa em um galho e faz um eixo e monta um carro com uma latinha?

Será que isso é possível? Será que é possível acessar ou descrever os mecanismos do pensamento que estavam na cabeça de cada pessoa, por trás de cada um desses procedimentos? Mesmo que seja importante discutir esses processos cognitivos, tudo o que dissermos serão aproximações, construções do pesquisador acerca daquilo. Entendo que é nisto que a Ciência da Complexidade aposta, na incerteza, diferentemente do paradigma da ciência cartesiana que busca decifrar, codificar e classificar. Como diria Lévi-Strauss, “sempre haverá o inacessível”.

E mesmo que fosse possível, seria isso exatamente o que eu queria fazer? Acho que não. Meu desejo e minha intenção não foi descrever ou analisar esses porquês. Mais do que saber porque o carro foi feito por Pedro com bambu, por João com caixa de papel ou por Paulo com uma lata de óleo, me interessava refletir acerca do fato de que cada um teve que experimentar um processo de pensar o que faria, procurar os materiais, utilizar o que o acaso lhe proporcionava, e fazer o brinquedo funcionar. E mais do que tudo, brincar.

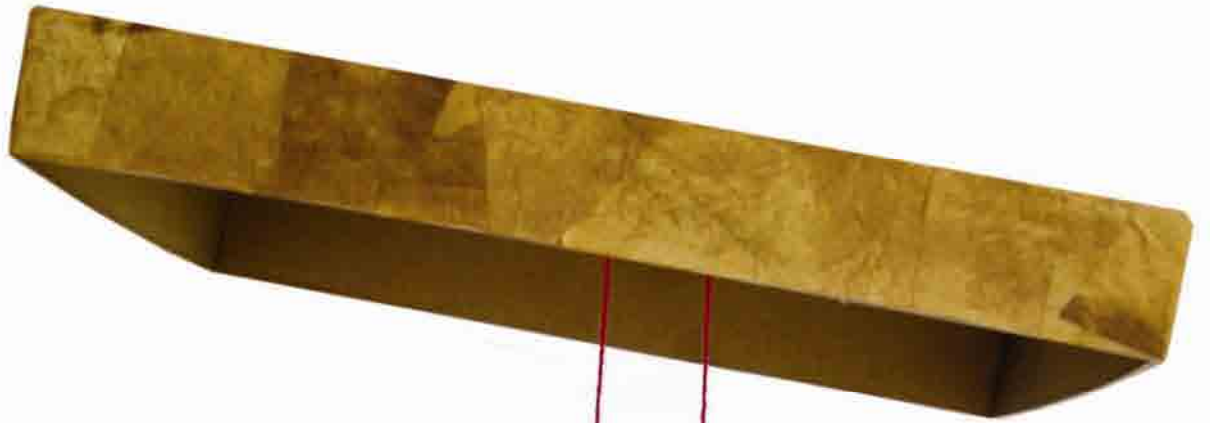
Mais importante, portanto, do que entender cada processo, saber detalhadamente como cada brinquedo foi feito, porque se usou determinado material e não outro, aprender como aquilo foi construído (para inclusive poder reproduzir) minha intenção foi a de mostrar a estratégia utilizada para tudo isso, que é a da bricolagem e que permite uma produção de conhecimento mais próxima da lógica do sensível, sem excluir elementos que são da ordem da razão, experimentação, verificação, analogia, etc. É essa estratégia que acredito que perdura no homem, e não necessariamente brincar e construir brinquedos.

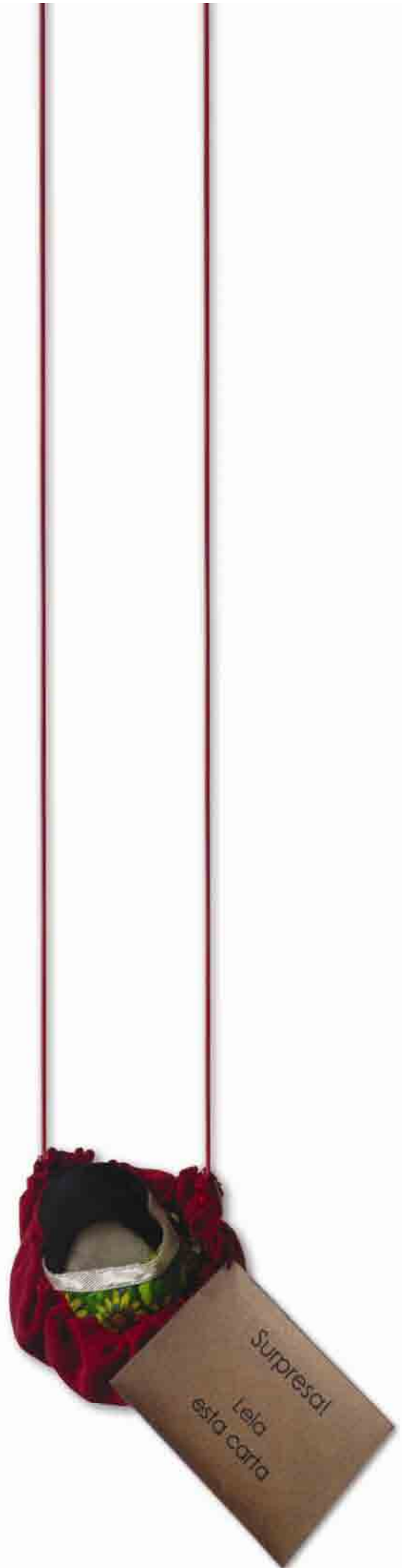
Ou seja, ao pensar sobre esses questionamentos que me fizeram, notei que talvez meu foco fosse outro. Percebi que pretendia falar da estratégia sim, falando da estratégia em si. Isto é, o ato em si de utilizar qualquer coisa que possa servir para o brincar. E fiz um brinquedo para procurar nos lançar na vertigem dessa reflexão, para tentar alentar-nos a ir de encontro às nossas raízes crianceiras, à nossa lógica do brincar e encontrar ali a fonte do fortalecimento, da criatividade e portanto das forças do homem na produção do conhecimento. E assim tentar acabar com a distância que separa o homem da infância.

Bem, agora se você escolheu ler este capítulo único, é hora de ir para a caixa. Basta escolher se é para sua versão escrita, ou para a caixa em si.







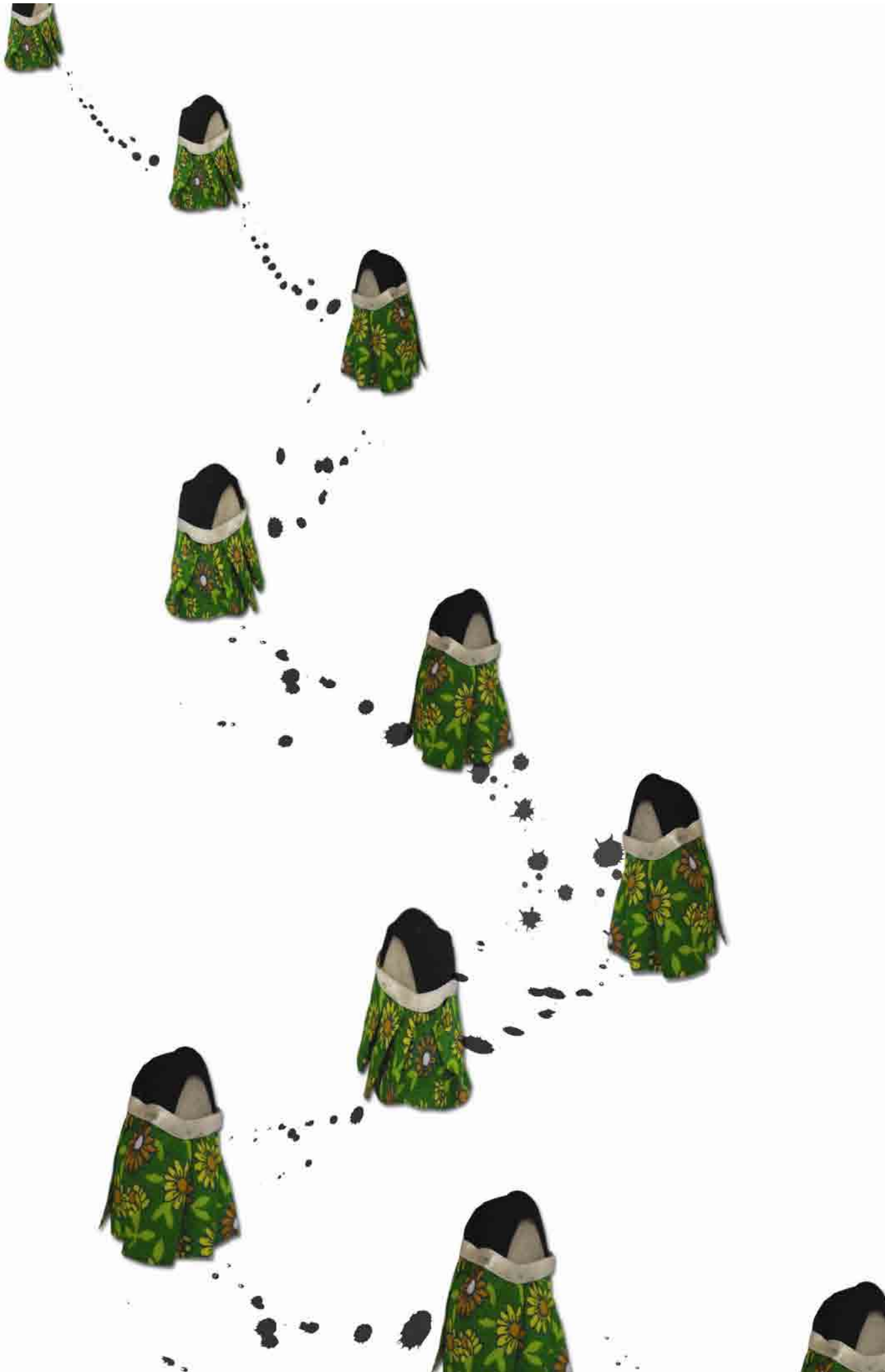


Surpresa!
Leia
esta carta



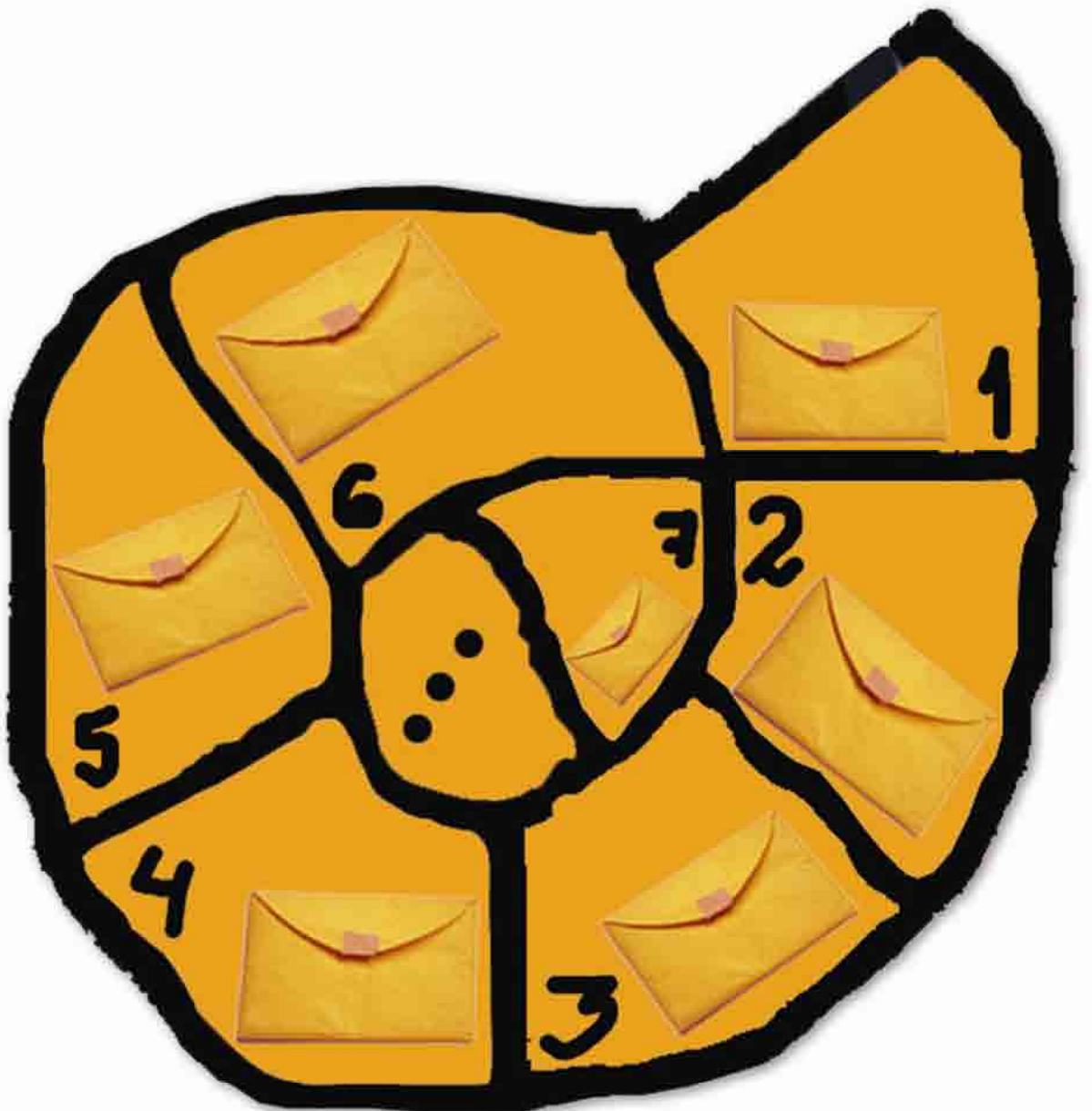
Olá,
Tudo bem?
Eu sei que assim que você abrir a caixa vai ficar
com vontade de abrir todos os envelopes e
caixinhas logo de uma vez. Eu ficaria!
Mas sugiro que você siga o roteiro que preparei
para você.
Claro que na vida nada é tão determinado numa
única direção, sempre existe o imponderável né?
No entanto, eu preparei as coisas para você me
levar pelo tabuleiro do 1 ao 7 (adoro amarelinha!!!)
e gostaria que você seguisse esta trajetória.
Esse é meu jogo!
Topa jogá-lo?
Ah que medo, espero que sim.
Então.... vamos lá!
Você pode me tirar do balanço, me colocar no
tabuleiro - na casa número 1 - seguir a sugestão
escrita lá e... BÓA VIAGEM!

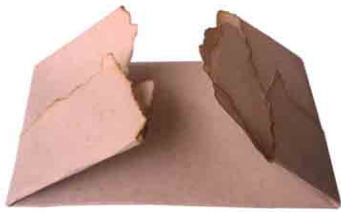
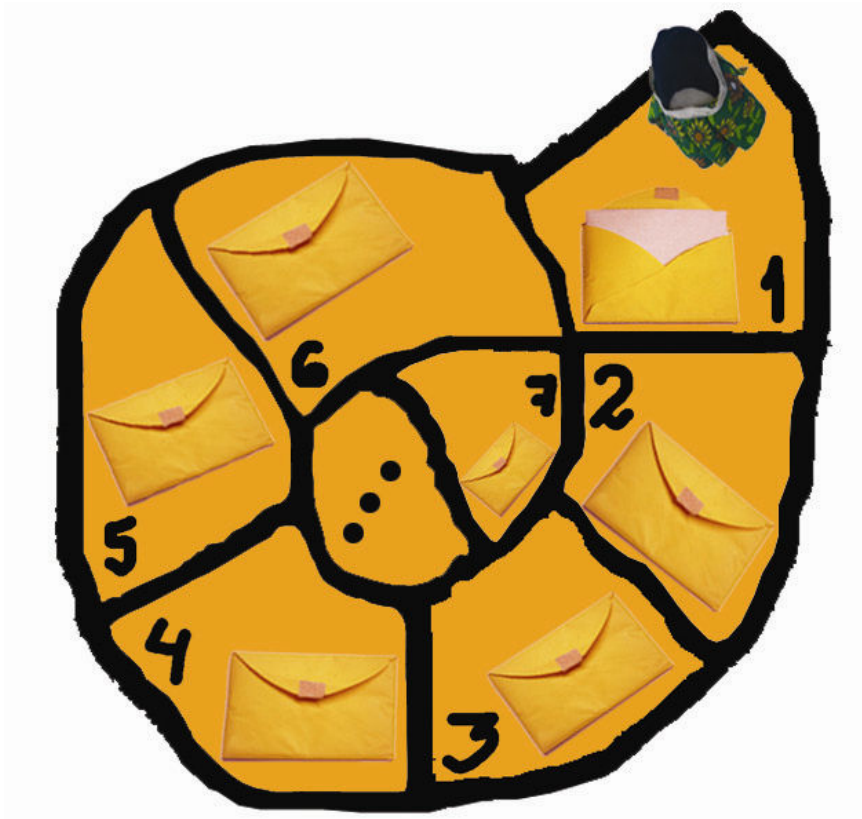






Ufa!!! Cheguei! Ainda bem que dizem que o caminho se faz ao caminhar.... porque caminhei muito!





Oi!!! Que bom que você está aqui. Eu já estava ansiosa prá saber se você ia topar o jogo. Se você está lendo é porque você topou! Então... que tal acalmar um pouco a curiosidade abrindo a caixinha amarrada com um cordão amarelo? Brinque à vontade enquanto eu fico observando o ambiente (posso?). Depois que cansar, vá para a casa 2.



JOGO DA MEMÓRIA

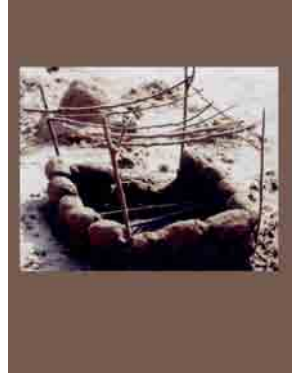
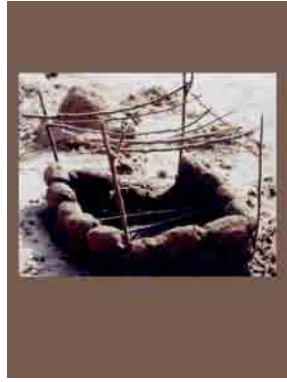
“Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis.

Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre conchas, ossos de arara, pedaços de pote, sabugos, asas de caçarola, etc. E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro. O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho. Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhão. O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes. Era sempre um barbante sujo. Eram sempre umas latas tristes. O menino é hoje um homem douto que trata com física quântica. Mas tem nostalgia das latas. Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes.

Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem douto encomendou uma árvore torta - Para caber nos seus passarinhos. De tarde os passarinhos fazem árvore nele.”

(Manoel de Barros)





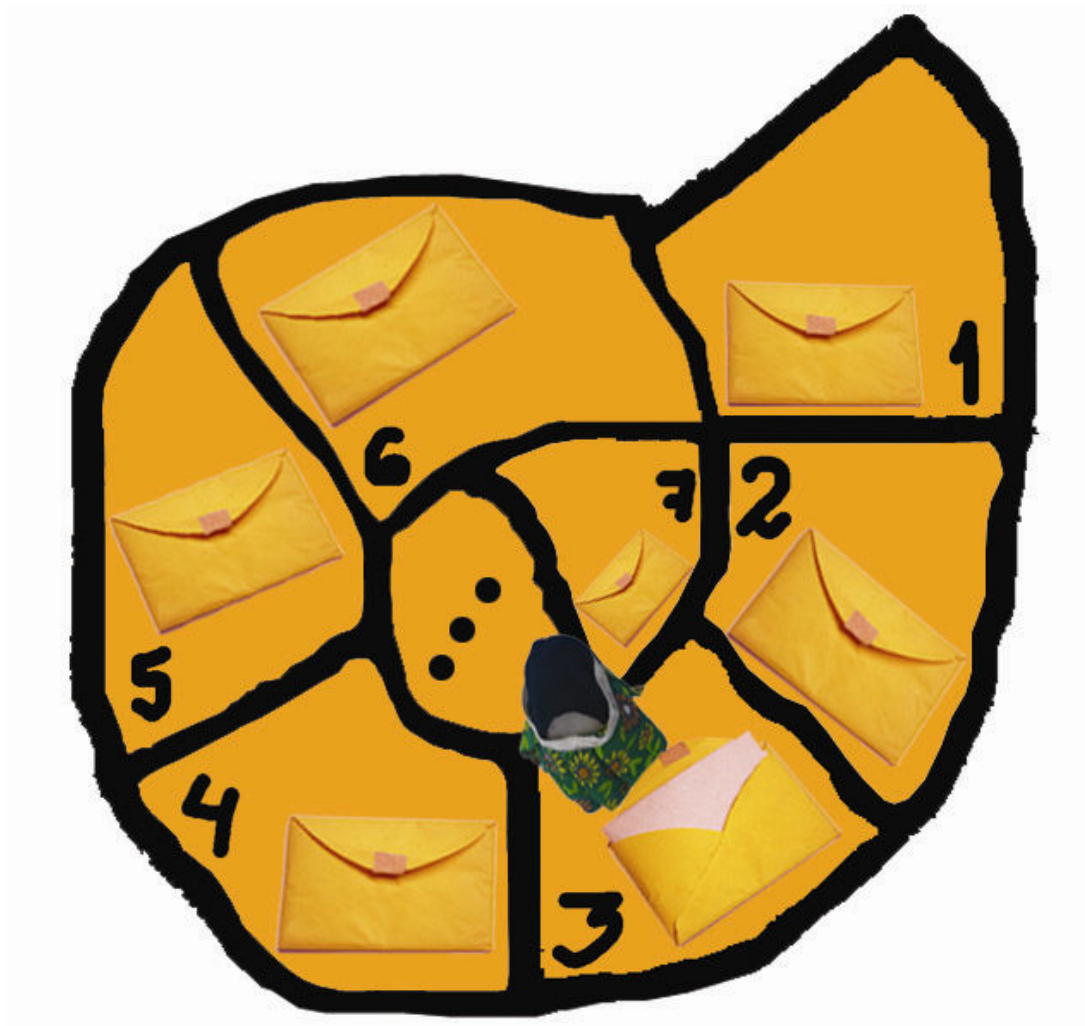


Bem, agora, como eu esperei um pouco, estou cansada de ficar de pé. Você poderia me deitar? Enquanto eu descanso um pouco que tal abrir a outra caixinha, a que está amarrada com um cetim encarnado!!!! Gosto muito desta fase do jogo. É dali que eu vim!!! Depois, vá para a casa 3.





“Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido, ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta. Assim eles não furam mais - o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa
função de catar pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter”.
(Manoel de Barros)



Gostou da caixinha? Eu adoro! Você viu que tem umas sementes voadoras, que quando joga pro alto elas descem como helicóptero? E tem outra, de eucalipto, que é um pião! Já pensou? E minha roupa? O máximo né? Bom, agora tenho uma surpresa, que tal abrir o envelope grande amarelo? Depois vá para a casa 4.



Quebra-cabeça:
O roteiro do vídeo



O tabuleiro



A caixa
Primeiros passos



A caixa
Aproveitando
filtros de café



A Guia



Um pequeno caos e o jogo da memória

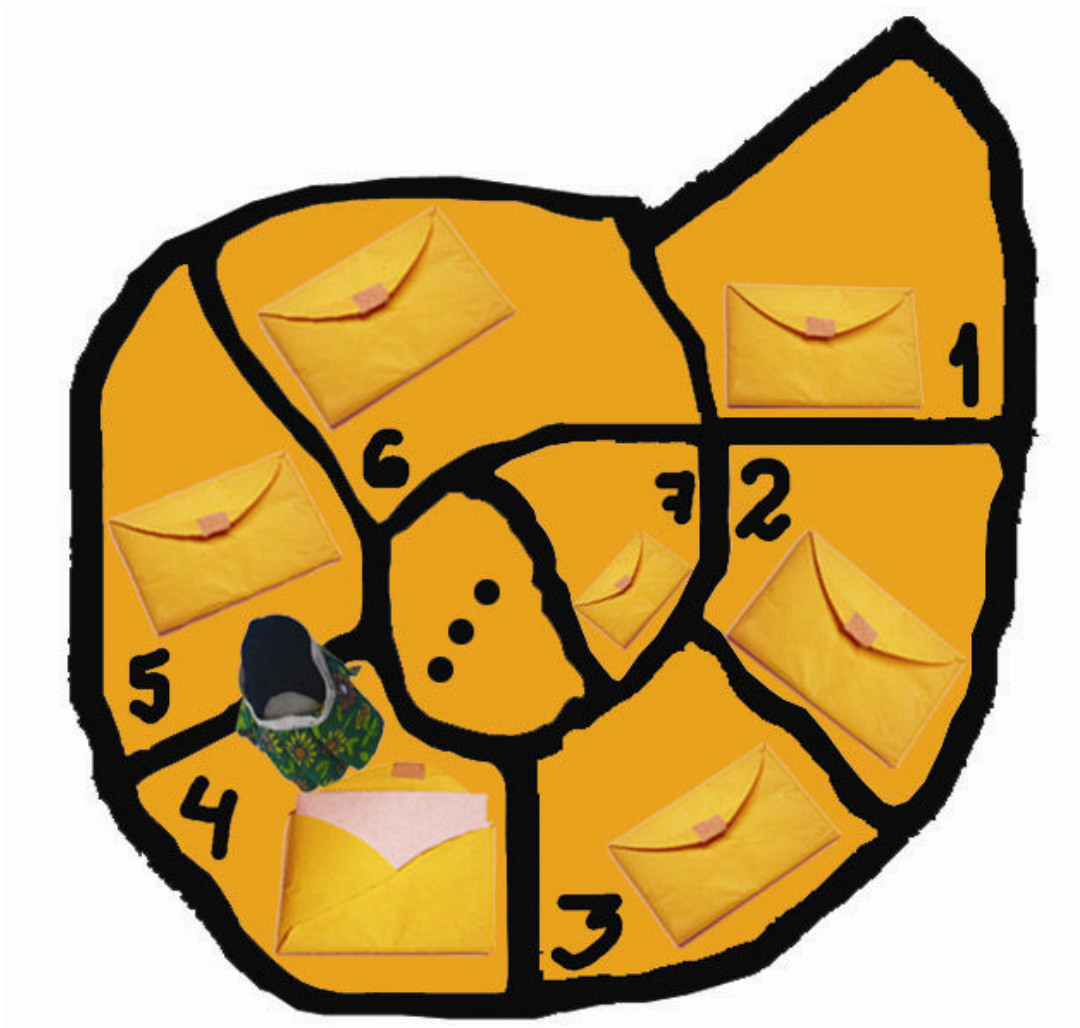


Bicho papão
Editando o vídeo

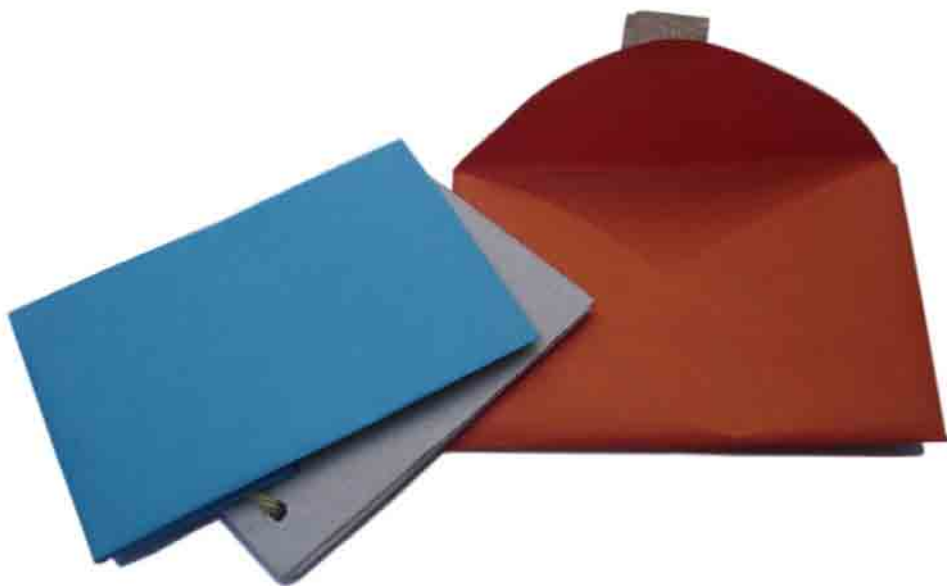


Uau!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Que fotos legais...
É tão bom ver tudo isso. Parece que
foi hoje. A caixa sendo pintada,
empapelada com filtros de café, as
caixinhas lá dentro, a confecção do
tabuleiro, do jogo... E o tal do
programa bicho papão!!!!!! Que medo,
só de lembrar. Shhhhh pára de pensar
em voz alta, vamos embora que ainda
tem casas nesse tabuleiro.





Viu que moça concentrada fazendo o trabalho? Bem, agora eu gostaria de me aquietar um pouco. Mas desta vez para sonhar acordada. Gostaria de fazer isso enquanto você abre o envelope pequeno. Tome o seu tempo, eu adoro ficar olhando pro nada, você já viu como isso é criativo? Depois que voltar de sua viagem, vá para a casa 5.



"Eu tenho um erro enorme dentro do olho.
Por motivo do erro não fui um menino peralta.
Agora tenho saudade do que não fui.
Faço outro tipo de peraltagem.
Quando era criança agora é o que não pude fazer na infância.
Mas não havia visto eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba.
Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio.
Que sabugo era um sermão mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.
Eu brincando no chão, entre torções."

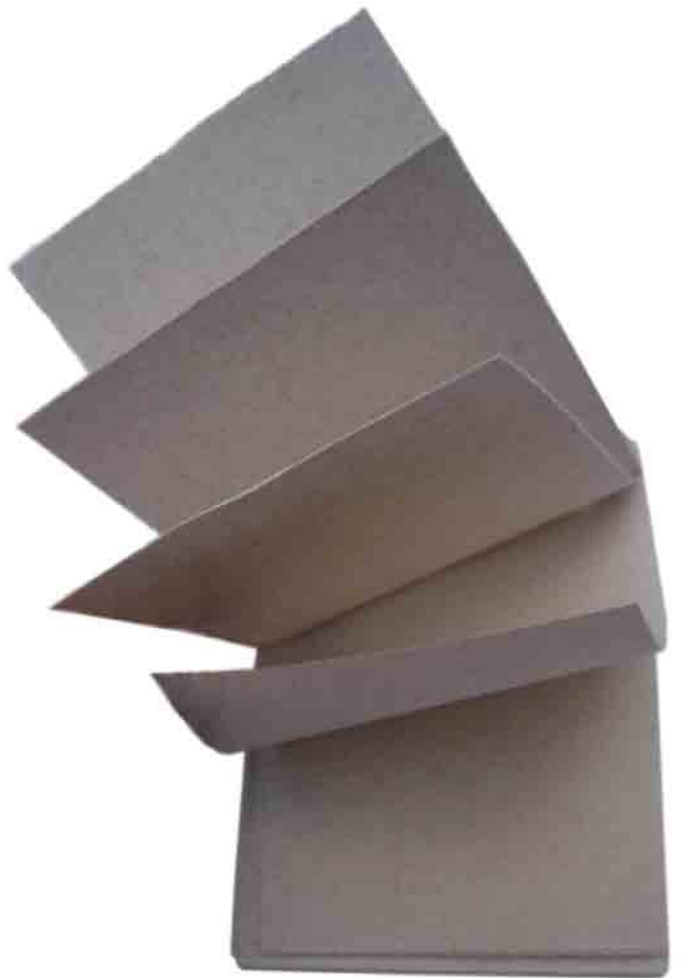
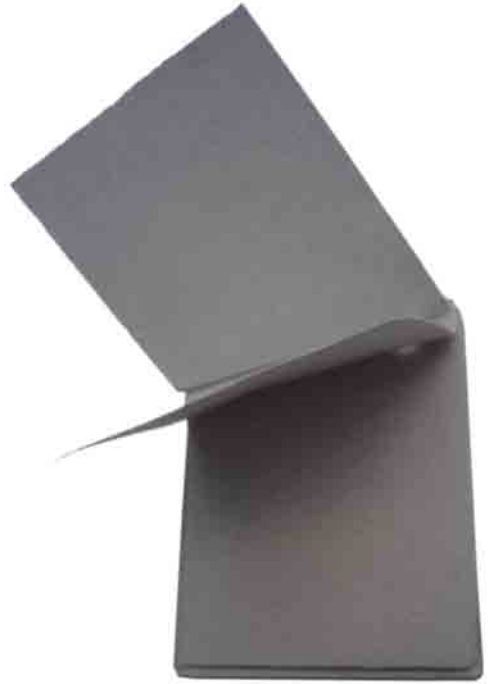
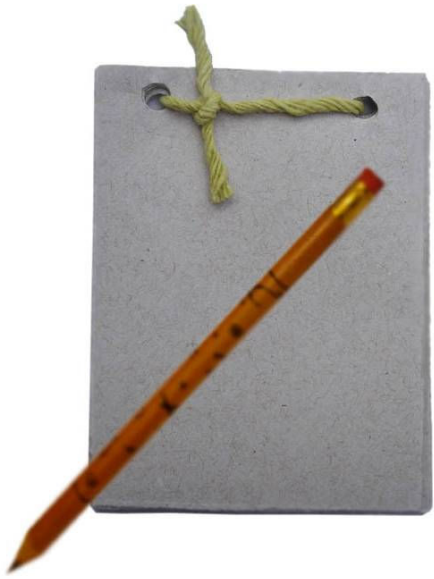
"Eu tenho um ermo enorme dentro do olho.
Por motivo do ermo não fui um menino peralta.
Agora tenho saudade do que não fui.
Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância.
Faço outro tipo de peraltagem.
Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba.
Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão.
Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio.
Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.
Cresci brincando no chão, entre formigas.
De uma infância livre e sem comparamentos.
Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.
Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão:
de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças,
de um pássaro e sua árvore.
Então eu trago das minhas **raízes cranceiras** a visão comungante e oblíqua das
coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda
a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter
sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e
comunhão com ela.
Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. Era o menino e as árvores."

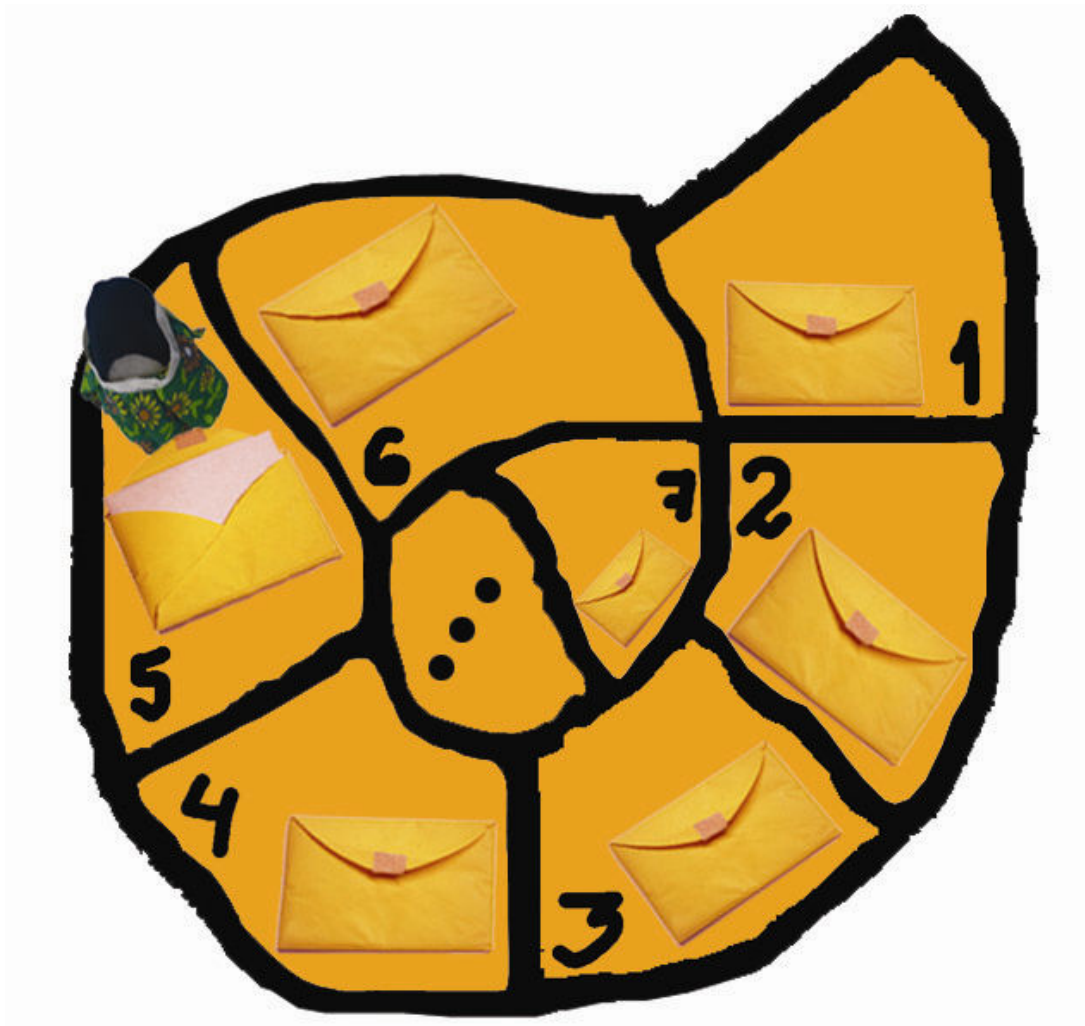
(Manoel de Barros)



"Só eu, em minhas lembranças (...) posso abrir o armário profundo que
guarda ainda, só para mim, o cheiro único, o cheiro das uvas que secam
na grade. O cheiro da uva! Cheiro-limite, é preciso muita imaginação para
senti-lo. Mas já falei demais sobre ele. Se dissesse mais, o leitor não
abriria em seu quarto reencontrado, o armário único, o armário com cheiro
única, que assinala uma intimidade. Para evocar os valores de intimidade,
é necessário paradoxalmente, induzir o leitor ao estado de leitura
suspensa. É no momento em que os olhos do leitor deixam o livro que a
evocação do meu quarto pode tomar-se um umbral (...) para outrem".

(Gaston Bachelard)





Voltou? Olha, eu sonhei tanto!!!! E tive várias novas idéias. Mas outra hora a gente conversa sobre isso. Eu gostaria que agora você abrisse o pergaminho amarrado com um cordão verde. Você gosta de histórias? Eu adoro! De medo!!!! Depois só não consigo dormir. Ah, já ia esquecendo, depois vá para a casa 6.



O vídeo⁹ que faz parte deste trabalho e que você assistirá a seguir, quando for para a próxima casa do tabuleiro, é fruto de uma *bricolagem* de vários tempos e espaços e é onde se encontra o cerne do argumento deste brinquedo. Ou seja, é neste vídeo que apresento muitas das fotos, filmagens e gravações de áudios que juntei ao longo da minha trajetória. O objetivo continua sendo o mesmo do trabalho como um todo, pensar sobre uma ciência que desfaça a distância que separa o homem da infância e que lhe permita incorporar elementos de suas “raízes crianceiras” nas estratégias de pensamento e na produção de conhecimento.

Antes de você assistir (ou ver) o vídeo em si eu gostaria de lhe contar uma breve história de como ele foi feito e de algumas coisas que ocorreram para a sua confecção. Foi no percurso de sua elaboração que um verdadeiro processo de bricolagem aconteceu.

Tomar a decisão de que o cerne de meu argumento estaria em forma de vídeo foi fácil e fiquei radiante com minha solução. A confecção, entretanto, foi muito difícil. Hoje, o vídeo está pronto, o caminho foi um trabalho árduo, extremamente cansativo, mas extremamente prazeroso.

Gostaria de contar um pouco desta história para compartilhar este pedaço de mim.

Quando iniciei os trabalhos de confecção estava certa de que os recursos que eu dispunha, tanto meus acervos de fotos, vídeos e áudios, como o programa de computador com o qual fazia a edição, dariam conta do meu processo criativo.

Doce ilusão.

Desde o começo foram várias as interrupções, impossibilidades, panes, “tilts”, problemas, etc, e em um determinado momento, cheguei a desistir. Desestimulada por todas as dificuldades, principalmente a informática, aliando meu não “saber fazer” com a ineficiência dos programas que eu tinha acesso, decidi voltar para o texto, mas muito decepcionada.

Mas um dos primeiros desvios de rota me reanimou.

Primeiramente, em uma conversa com meu irmão Javier (que entende destas coisas de informática e de me consolar), ele sugeriu que eu usasse um programa profissional de edição de vídeos, chamado *Adobe Premiere* e não o caseiro que eu tinha. Consegui instalar esse programa. No entanto percebi que tinha um elefante

⁹ O vídeo que compõe a caixa também foi adaptado para esta versão impressa e seu conteúdo é o que você irá ver nas páginas 67 a 122

branco à minha frente e meu irmão muito longe para conseguir me ajudar no passo a passo.

Coincidentemente (será?), no dia em que o instalei o programa veio a Natal um colega de meu marido para um Colóquio que acontecia na cidade. E, vejam só, veio também o filho dele, Tiago Penna, que é sabido em *Adobe Premiere* (o programa que para mim era um mistério).

Ele tinha apenas umas horas disponíveis e ficou de madrugada me ensinando a usar as ferramentas do programa de modo que eu pudesse fazer o trabalho.

Tinha ainda um outro problema, o prazo. Mas qual não foi minha surpresa, quando soube, que a data para a entrega deste trabalho, havia sido adiada em um mês.

Bem, aí foi só respirar aliviada e reiniciar a brincadeira.

É bem verdade que foi muito trabalhoso, pois havia aprendido apenas o básico para não ter medo do software, mas fui aprofundando meu conhecimento ao mesmo tempo em que ia confeccionando o vídeo, e assim, foram muitas as vezes que fiz, desfiz, refiz.

Houve outros percalços no caminho que contarei a seguir, mas pensando a respeito das dificuldades percebi que ao confeccionar meu trabalho estava realmente experimentando o que conhecia na teoria: a diferença entre estratégia e programa.

Como parte do material que tinha em mãos, estavam as fitas cassete gravadas no Vale do Jequitinhonha/MG. Já tinha transcrito alguma parte desse material e sabia que ali havia muitas cantigas de roda, histórias, superstições, adivinhações, brincadeiras, explicações sobre a construção de brinquedos, memórias da infância, etc.

Quando iniciei a bricolagem do vídeo e fui tratar o material para sua utilização como áudio, foi um verdadeiro sufoco. Eu diria mais, foi um verdadeiro choque e frustração.

Bem, em primeiro lugar, as fitas cassetes se deterioraram bastante nos 3 anos em que estiveram guardadas. Isso me fez sofrer bastante pois eu acreditava ter um material raro em mãos, e vi que muita coisa se perdeu.

Uma segunda dificuldade seria passar este material para o computador. Além de eu não entender o procedimento necessário - “sou da invencionática

não da informática” diria Manoel de Barros - não tinha os fios e cabos indispensáveis para tal tarefa.

Decidi, mais uma vez, com as estratégias de *bricoleur*, utilizar um método indireto mas que resultaria em recuperar o material, em pior estado do que já estava.

Colocava a fita para tocar e gravava no meu aparelho mais moderno (um mp3) a partir da própria caixa de som. Só que enquanto eu realizava essa tarefa, o telefone tocava, a vizinha chorava, alguém gritava na rua e eu tinha que recomeçar, pois precisava de silêncio para não captar sons externos.

E qual não foi minha surpresa quando em um determinado momento até isto se tornou impossível. Tenho em casa dois aparelhos de som. Ambos eu acreditava estarem em bom estado. Mas um, sequer tocou as fitas e o outro, só em câmara lenta. Uma fita inclusive ficou presa lá, até hoje.

Pedi aparelhos emprestados a várias pessoas. Consegui dois. O primeiro, engoliu uma fita, que consegui tirar a tempo. O segundo, a destruiu.

Consegui aproveitar muito pouco do material, aliás, só aproveitei uma cantiga de roda e os “o que é o que é?”. Mas já me dei por satisfeita. Apesar da tristeza de perder o conteúdo das fitas, encarei realmente tudo isso como parte do processo de bricolagem, dos imprevistos, dos desvios, e das novas soluções que utilizei que, no fim das contas, me agradaram demais.

O resto dos áudios/depoimentos são pérolas que “quase sem querer” eu fui descobrindo que tinha nos registros que fiz (já com a tal tecnologia do Mp3) na Lagoa do Piató.

Artur, neto de Chico Lucas, passou uma tarde todinha me contando suas engenhocas.

Chico Lucas, apesar de dizer - o que não coloquei no vídeo, mas quero registrar aqui - que sua infância foi triste, que a partida de seus primos para São Paulo foi um golpe brutal em sua alegria de brincar, podemos ver, que ele entregou o ouro.

Também no bairro das Rocas, em Natal, quando eu trabalhava com um grupo de meninos fazendo pesquisa sobre a memória da infância das pessoas do bairro, pude obter vários relatos. Tinha um material em vídeo, muito interessante, em que um senhor afirma que hoje em dia as crianças não brincam mais, e atrás dele, na imagem, vemos seu filho e um amigo se divertindo com as bolinhas de gude. Esse mesmo senhor, Seu Nilson, contou

todo o processo de construção de um carrinho de mão, o mesmo que Artur e Severino contaram no vídeo, e quando estava terminando a entrevista nos presenteou com a seguinte reflexão “taí, porque é que eu nunca fiz um desse pro meu filho? Vou fazer”. Infelizmente, minha invencionática não permitiu que eu conseguisse suporte tecnológico suficiente para aproveitar este material.

No vídeo entram também muitos poemas de Manoel de Barros que foram gravados em casa, caseiramente, com minha própria narração. No começo, tinha pensado em convidar alguém para que narrasse os poemas e cheguei a fazer um teste com Daniel, meu marido, mas optei por gravá-los com minha própria voz, queria estar dentro do vídeo também desta forma.

Com relação à trilha sonora houve muitas coisas interessantes. A música de abertura foi um presente do acaso. Acaso?

Eu estava limpando meu computador, deletando vários arquivos, pois o programa com o qual eu iria editar o vídeo é muito pesado e meu computador quase não suportava mais. Então passei um dia limpando e excluindo.

Mas é claro que é prudente olhar as coisas antes de apagá-las de vez.

E numa dessas descobri que tinha gravada em meu computador essa que viraria a abertura do vídeo.

Não tive dúvida, ela entraria no vídeo.

As outras foram surgindo.

Ouvindo meus discos, fui buscando algo que me envolvesse, que para mim colaborasse na argamassa de minha bricolagem.

E Naná Vasconcelos - maioria da trilha - se fez querer.

Mais uma vez, o acaso.

A trilha já estava toda selecionada e parte do vídeo pronto, quando começa um Projeto em Natal em que vários músicos vieram fazer show na cidade. Qual foi o primeiro? Naná Vasconcelos. Foi muito interessante assistir ao show e sentir que realmente havia uma sintonia entre o que eu queria dizer e o que ele soou para mim. Aplausos. Chamando vento!

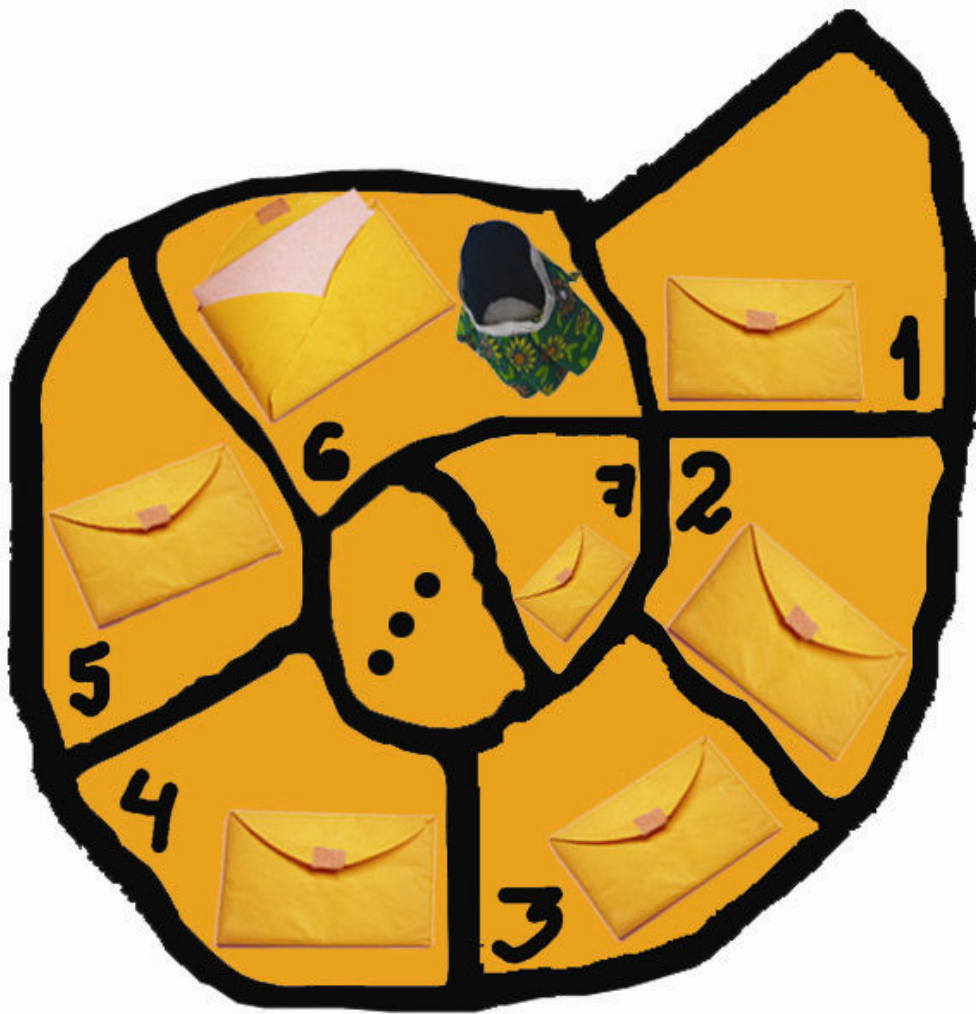
Também entraram músicas de: Helder Vasconcelos do CD “*Espiral brinquedo meu*”; Uma música da trilha do filme *O piano*, Barbatuques, do disco *Corpo do som* - grupo musical que tira som do próprio corpo; uma

música do disco *Abre a roda Tindolelê* - cd de músicas de crianças de diversas regiões do país, resultante da pesquisa de Lydia Hortélio.

Minha intenção inicial não era que houvesse música praticamente todo o tempo, mas a qualidade dos áudios (com muito ruído) me fez mudar de percurso, e nesta bifurcação senti a necessidade de que ela estivesse quase sempre presente.

Um último apontamento, pois você já não deve mais agüentar este bla bla bla, é sobre os textos. Ah os textos..... Essa foi uma das partes mais difíceis da bricolagem. Quais usar? Por quê? Não tenho todas as respostas, pois como já disse acredito que é difícil acessar a posteriori todo o processo do pensamento, mas existia algo que eu queria dizer e então vasculhei nos meus registros, fichamentos, anotações, leituras, e fui juntando as coisas para construir o argumento.

Bem, assim termina esta breve história. Entrou por uma porta e saiu por outra, quem quiser, que conte outra.



Leu? História bonita não?
Acho que seria de medo?
Bem, mas chega de papo,
agora você pode pegar o
envelope preto. Prefiro
que você tente assistir em
DVD (se tiver é claro).
Caso não consiga, aí pode
assistir no computador
(mas tente assistir em
“tela cheia”). Depois...
quando tiver vontade, vá
para a casa 7.



O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO É O PAI DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM

O MENINO
É O PAI
DO HOMEM



**“Hoje eu atingi o reino das imagens,
o reino da despalavra.**

**Daqui vem que todas as coisas
podem ter qualidades humanas.**

**Daqui vem que todas as coisas
podem ter qualidades de pássaros.**

**Daqui vem que todas as pedras
podem ter qualidades de sapo.**

**Daqui vem que todos os poetas
podem ter qualidades de árvore.**

**Daqui vem que os poetas
podem arborizar os pássaros.**

**Daqui vem que todos os poetas
podem humanizar as águas.**

**Daqui vem que os poetas
devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.**

**Que os poetas
podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.**

**Daqui vem que os poetas
podem compreender o mundo sem conceitos.**

**Que os poetas
podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.”**

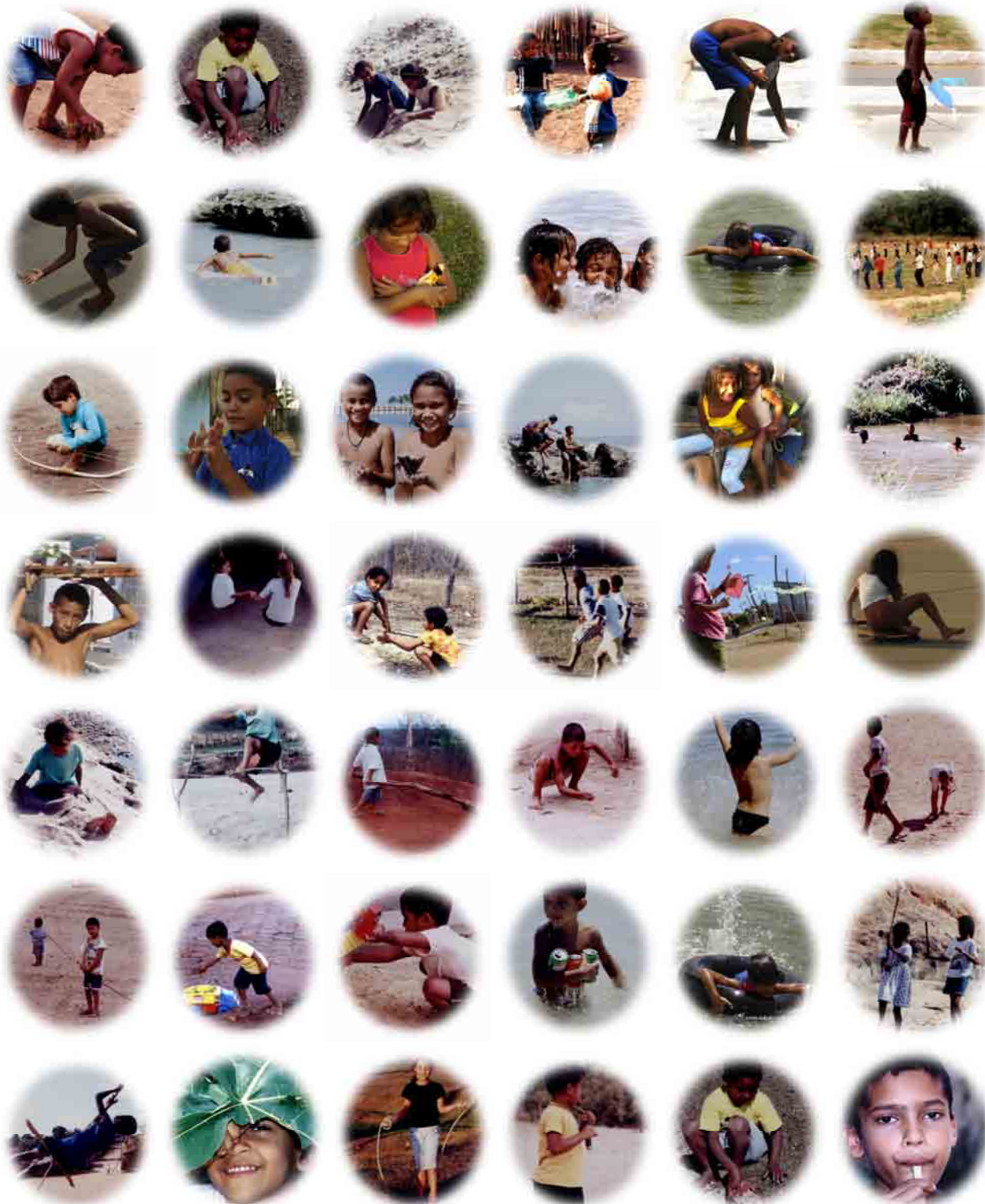
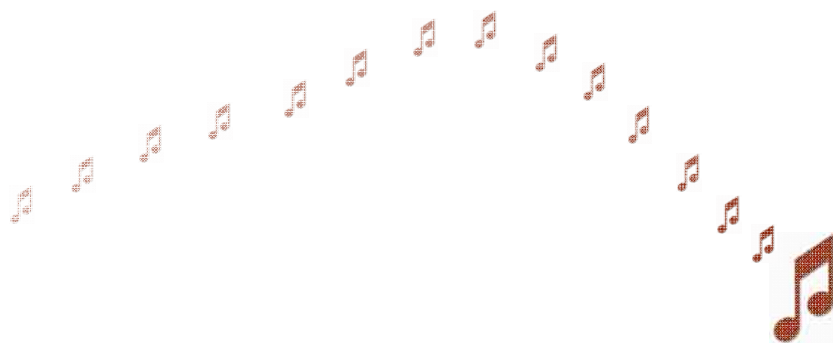
(Manoel de Barros, em Ensaios Fotográficos)



CIRANDA

Manuelito

“Eu vou bater palma
Vou brincar de roda
Pra espantar o medo
Do meu coração.....”



Vou virar menino 🎵



🎵 Sem hora marcada



Soltar papagaio 🎵



🎵 Vou rodar pião



Vou brincar na areia 🎵



🎵 Lá no meu terreiro



Quem chegar primeiro 🎵



🎵 Vai ter seu lugar



Vou cantar ciranda 🎵



🎵 Vou sujar a cara



Vou crescer depressa 🎵



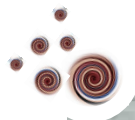
🎵 Vou me agigantar



Vou pegar o mundo 🎵



🎵 E virar do avesso



Vou juntar os homens 🎵



🎵 Num só mutirão



🎵 Vou chamar a vida



Pra brincar de roda 🎵

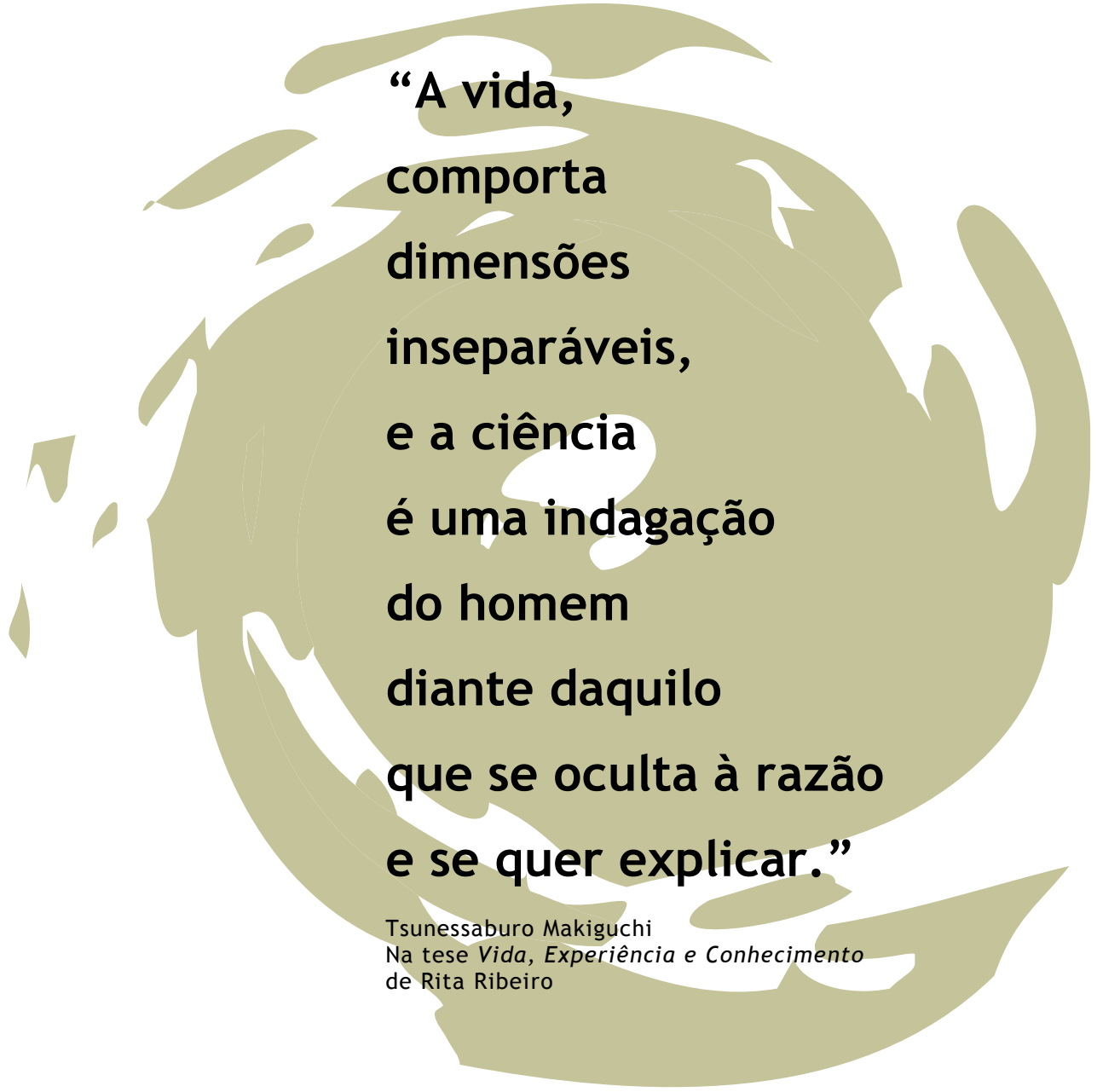


🎵 Vou ser seu amigo



🎵
Vou te dar a mão!

🎵



**“A vida,
comporta
dimensões
inseparáveis,
e a ciência
é uma indagação
do homem
diante daquilo
que se oculta à razão
e se quer explicar.”**

Tsunessaburo Makiguchi
Na tese *Vida, Experiência e Conhecimento*
de Rita Ribeiro



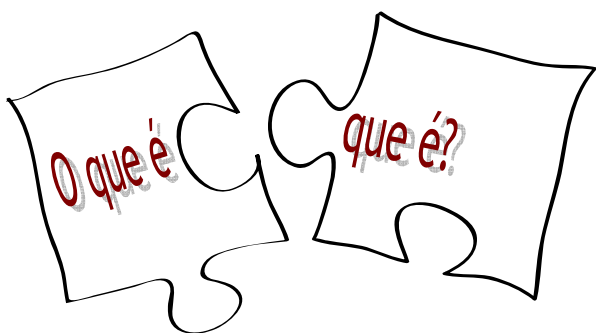
o
o
o
O
que
é
que
é?

que é que é ?

O que é que é?


O que é que é ●

O	U	É	E	O	Q	U	E	E	O	Q	É	O	E	Q	U	O	E	É	O	Q	U	
O	Q	U	O	E	é	E	Q	O	é	U	U	O	O	Q	É	?	E	E	O	Q	O	Q
Q	E	O	? O	U	O	Q	U	É	É	O	O	E	O	Q	U	F	O	O	E	Q	U	? E
É	O	E	U	O	U	O	E	É	Q	Q	é	O	E	Q	U	E	E	U	? é	? E	Q	É
U	O	Q	É	? E	O	O	O	Q	U	É	E	Q	O	Q	U	É	U	Q	É	?	Q	É
Q	Q	E	Q	E	O	E	U	Q	É	O	E	Q	E	O	Q	E	Q	?	O	E	?	É



“O que é que é:
tem três moças, uma
fala vamos sentar, outra fala
vamos correr, outra fala vamos
rodar?”

*Adivinha de Seu Manoel,
da comunidade de São João de Baixo,
Vale do Jequitinhonha/MG*

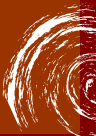


“João Pedro quando se deu conta de que o avô era surdo de um ouvido, comentou animado:

- Já sei porque você é tão inteligente! É porque as palavras entram por um lado e não saem pelo outro. Ficam todas dentro da sua cabeça! „

João Pedro, 6 anos

Em: Me dá teu contente que eu te dou o meu




“VÍTOR DISSE:

- Mamãe, você se lembra de quando eu não existia?

Vítor, 5 anos

Em: Me dá teu contente que eu te dou o meu



“QUANDO VIU O MAR PELA PRIMEIRA VEZ,
SÉRGIO FICOU EM SILÊNCIO
A CONTEMPLAR O ESPETÁCULO DAS ONDAS
QUE SE QUEBRAVAM SEM CESSAR.

DEPOIS DE ALGUM TEMPO,
PERGUNTOU AO PAI:

- O que é que o mar faz
quando a gente vai dormir?


Sérgio, 3 anos

Em: *Me dá teu contente que eu te dou o meu*

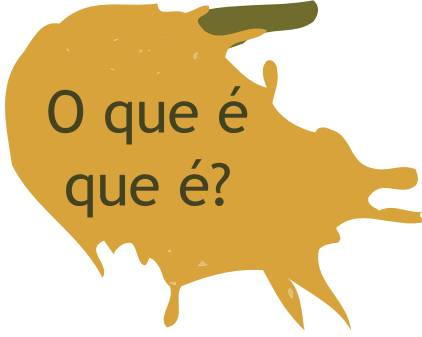
- Por que é que a gente
não conta diferente:
3, 1, 4, 2?

Raquel, 4 anos


Em: *Me dá teu contente que eu te dou o meu*




O que é
que é?



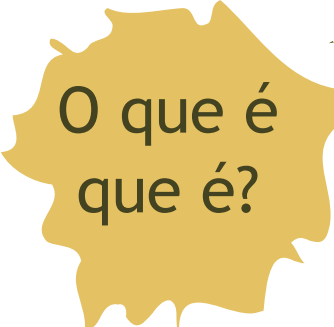
O que é
que é?




O que é
que é?



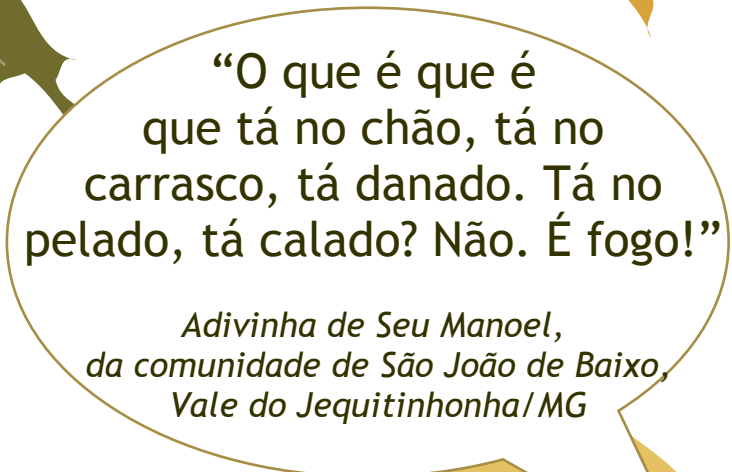
O que é
que é?



O que é
que é?



O que é
que é?



“O que é que é
que tá no chão, tá no
carrasco, tá danado. Tá no
pelado, tá calado? Não. É fogo!”

*Adivinha de Seu Manoel,
da comunidade de São João de Baixo,
Vale do Jequitinhonha/MG*

“Déia
se você encontrasse com Deus,
o que é que você pediria?”

*Eu pediria prá ele acabar
com as coisas que não existem.*

Déia, 5 anos
Em: Me dá teu contente que eu te dou o meu

o que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?
O que é que é?

“O
que é que é, se eu
visse, eu não dava, como eu
não vi, eu dei, como eu dei, ta
dado? - É topada no toco? - É!!!!

Adivinha de Seu Manoel, da comunidade de
São João de Baixo, Vale do
Jequitinhonha/
MG)

Sábio é
o que adivinha!

“A ciência pode classificar e nomear
os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos. ✓

A ciência não pode calcular
quantos cavalos de força
existem nos encantos de um sabiá. ✓

Quem acumula muita informação
perde o condão de adivinhar: divinare. ✓

Os sabiás divinam” ✓

Manoel de Barros

CHICO LUCAS

“E como foi
que o senhor aprendeu
a fazer?”

É inventando,
criatividade
mesmo!”

*(Trecho de conversa entre Chico e
Paula)*

Lagoa do Piaó/RN – 2006

SEU FRANCISCO

“Vocês faziam
brinquedos?”

Toda criança faz, toda
criança é criativa!”

*(Trecho de conversa entre Seu
Francisco e Paula)*

Rocas e Natal/RN – 2006

ARTUR



“E como você acha
que você inventa?”

Ah.. vem na cabeça
e vou tentar fazer...

*(Trecho de conversa entre
Artur e Paula)*

Lagoa do Piató/RN - 2006

“SÁBIO NÃO É O HOMEM QUE INVENTOU A PRIMEIRA BOMBA ATÔMICA

SÁBIO É O MENINO QUE INVENTOU A PRIMEIRA LAGARTIXA”


Inventou...

...inventou,

Inventou?

Inventou!

🎵 “Vento é ôô!!
Chamando o vento!!” 🎵



“Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar
descomparado uma oficina de Desregular a Natureza.
Mas faltou dinheiro na hora pra a gente alugar um
espaço. Ele propôs que montássemos por
primeiro a Oficina em alguma gruta.
Por toda parte existia gruta, ele disse.
E por de logo achamos uma na
beira da estrada. Ponho por
caso que até foi sorte nossa.
Pois que debaixo da gruta
passava um rio. O de que
melhor houvesse para
uma Oficina de Desregular
a Natureza! Por de logo
fizemos o primeiro trabalho.
Era o *Besouro*
de olhar
ajoelhado.

Botaríamos esse *Besouro* no canto mais
nobre da gruta. Mas a gruta não tinha canto
mais nobre. Logo apareceu um lírio pensativo de sol.
De seguida o mesmo lírio pensativo de chão.
Pensamos que sendo o lírio um bem da
natureza prezado por Cristo resolvemos dar o nome
ao trabalho de *Lírio pensativo de Deus*. Ficou sendo.
Logo fizemos a *Borboleta beata*. E depois fizemos
Uma idéia de roupa rasgada de bunda.
E *A fivela de prender silêncios*. Depois elaboramos
A canção para a lata defunta. E ainda a seguir:
O parafuso de veludo, O prego que farfalha,
O alicate cremoso. E por último aproveitamos para imitar
Picasso com *A moça com o olho no centro da testa*.
Picasso desregulava a natureza, tentamos imita-lo.
Modéstia à parte.”
(Manoel de Barros)

IN VENTOU



“Ah, quando a gente era criança né, eu brincava muito, mais os da minha idade....

A gente tinha curral! E aí a gente fazia, os cavalos eram de talo, pra gente arrebanhar o gado.



E fazia aqueles currais de pedra e as vacas eram aqueles escorredor de osso, num sabe? Osso de gado!



- E o talo pra fazer cavalo, era de quê?
- Talo de carnaúba. Esse talo grande.



Fazia com as orelhinhas e tudo, botava nos olhos, aqueles cacos de vidro azul na cara do cavalo, que eram os olhos do cavalo”

Depoimento de Chico Lucas em conversa com Paula Lagoa do Piató/RN- 2006

“Brincava de boneca, fazia casinha. Inventava o “comê” pras bonecas né?

- O comê era de quê?
- Era areia mesmo. Areia molhada!”



“Ah eu brinquei demais de boneca. Fazia cozinhado. A boneca nem comia nada, era só a gente! Boneca de pano ainda mais!”



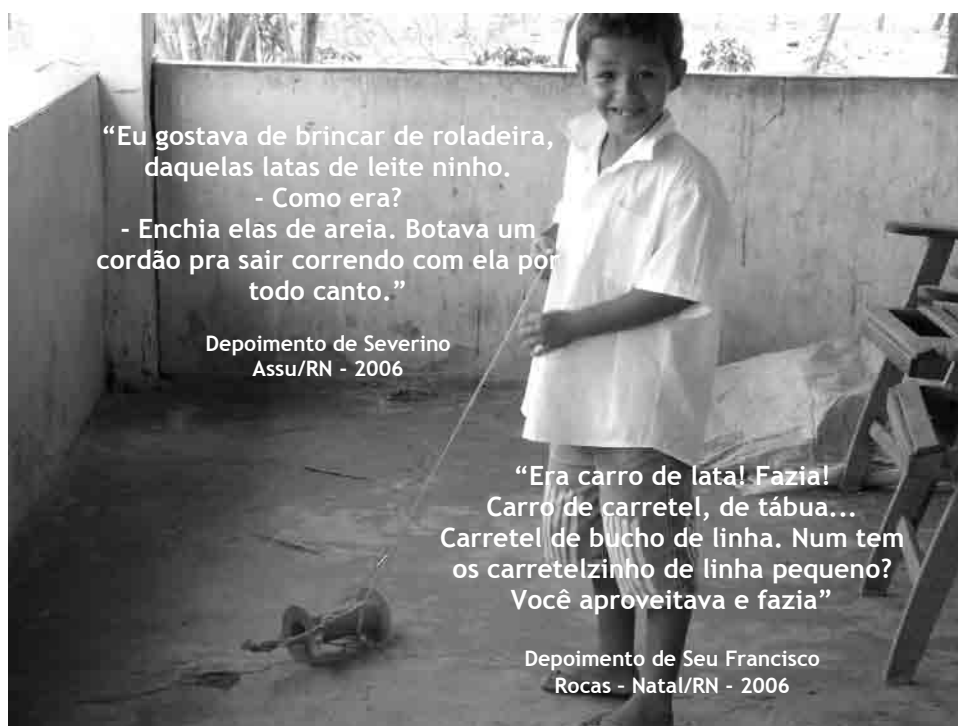
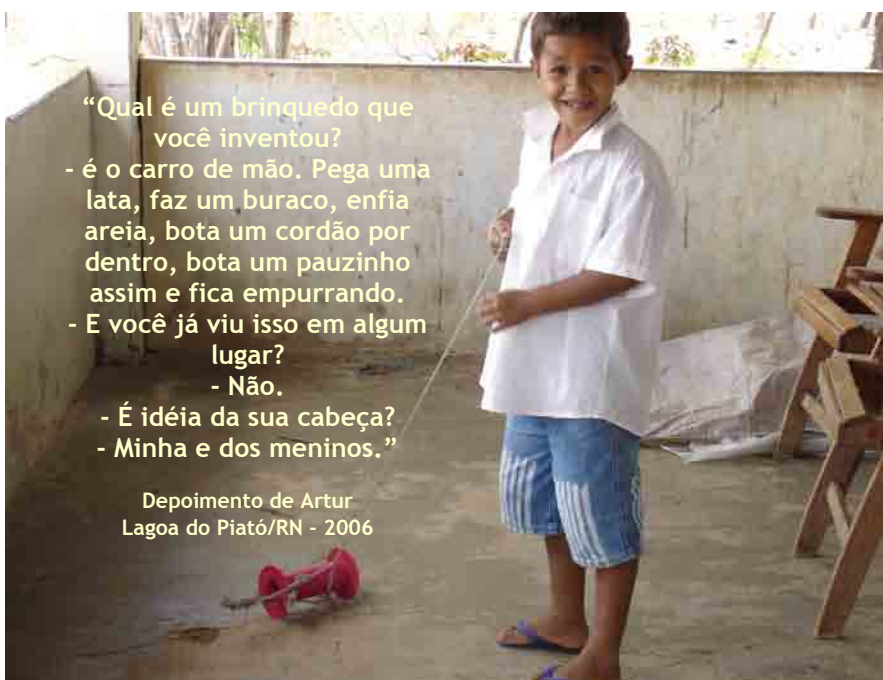
Depoimento de Neta em conversa com Paula Lagoa do Piató/RN - 2006



Depoimento de Dona Zilma em conversa com Paula Rocas/Natal/RN - 2006



“Brincar com espontaneidade, sem regras rígidas, sem precisar seguir folhetos de instruções dos brinquedos, é explorar o mundo por intermédio dos objetos.”





E pião?



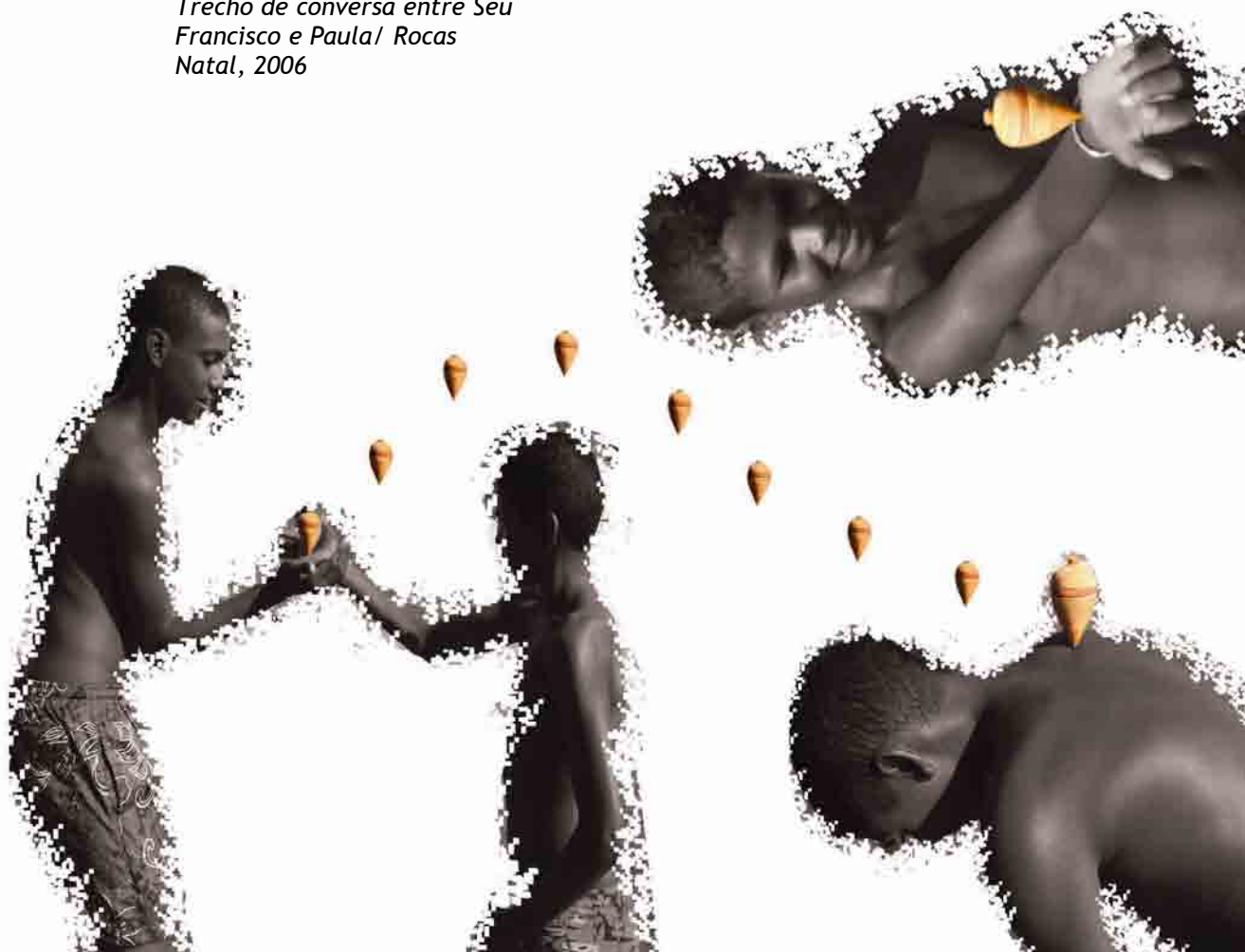
**Quem
jogava
pião?**



“Ah, geralmente as crianças
vão brincando vão treinando...
e depois conseguem. Coloca na
unha assim.
- Na unha?”

- É, e coloca na palma da
mão e da palma da mão
na unha e ele roda!”

*Trecho de conversa entre Seu
Francisco e Paula/ Rocas
Natal, 2006*



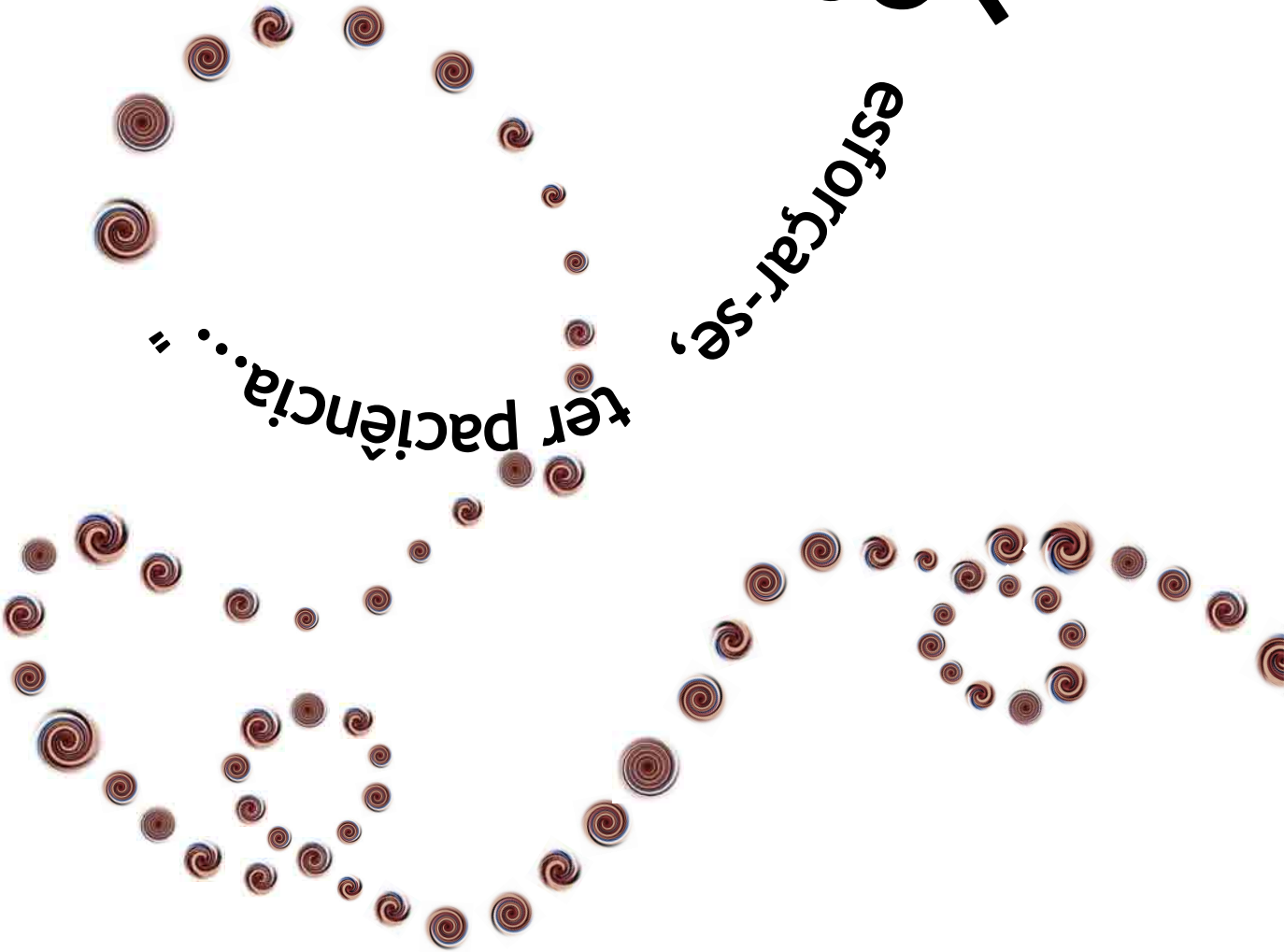
"Brincar é também

raciocinar,

descobrir, persistir, perseverar (...)

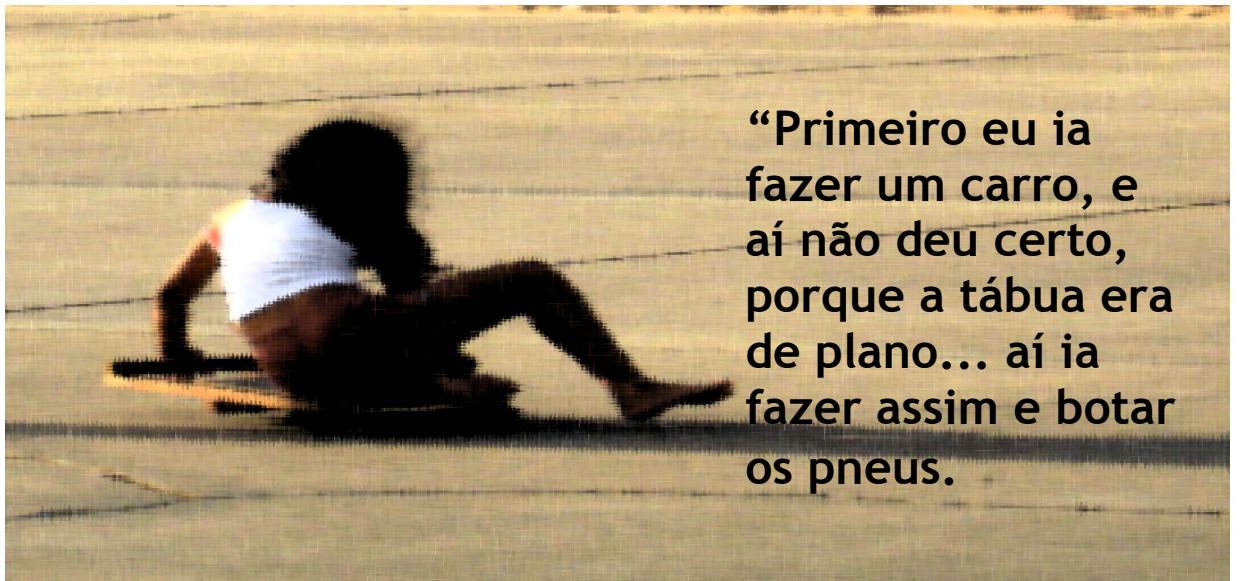
esforçar-se,

ter paciência..."

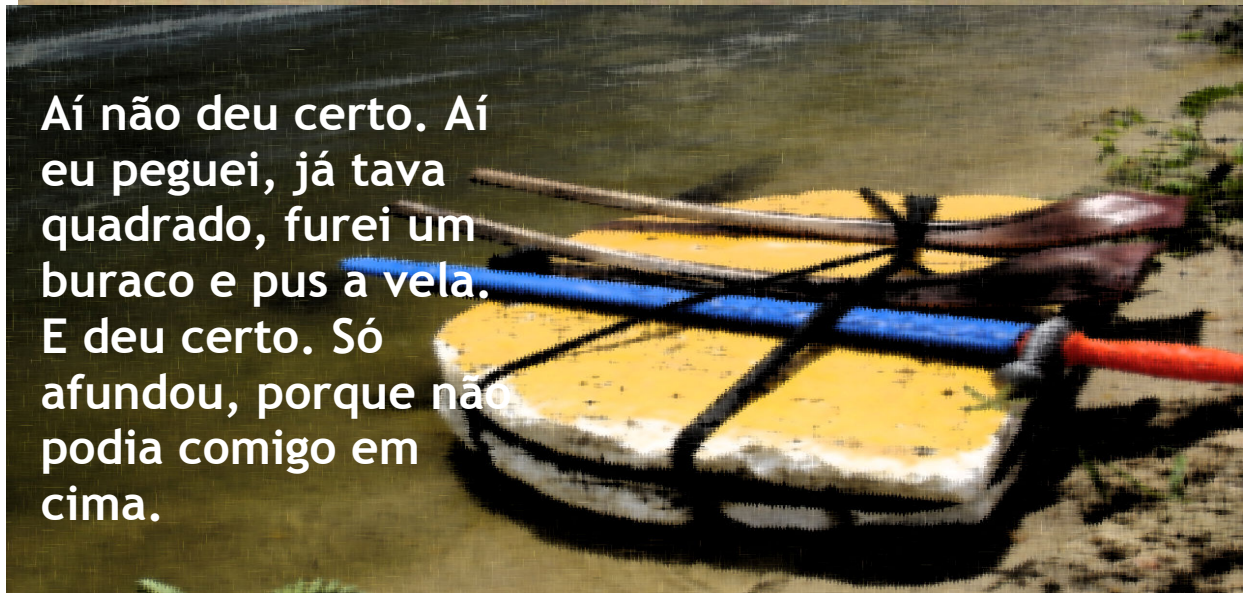


“Já aconteceu de dar errado?”

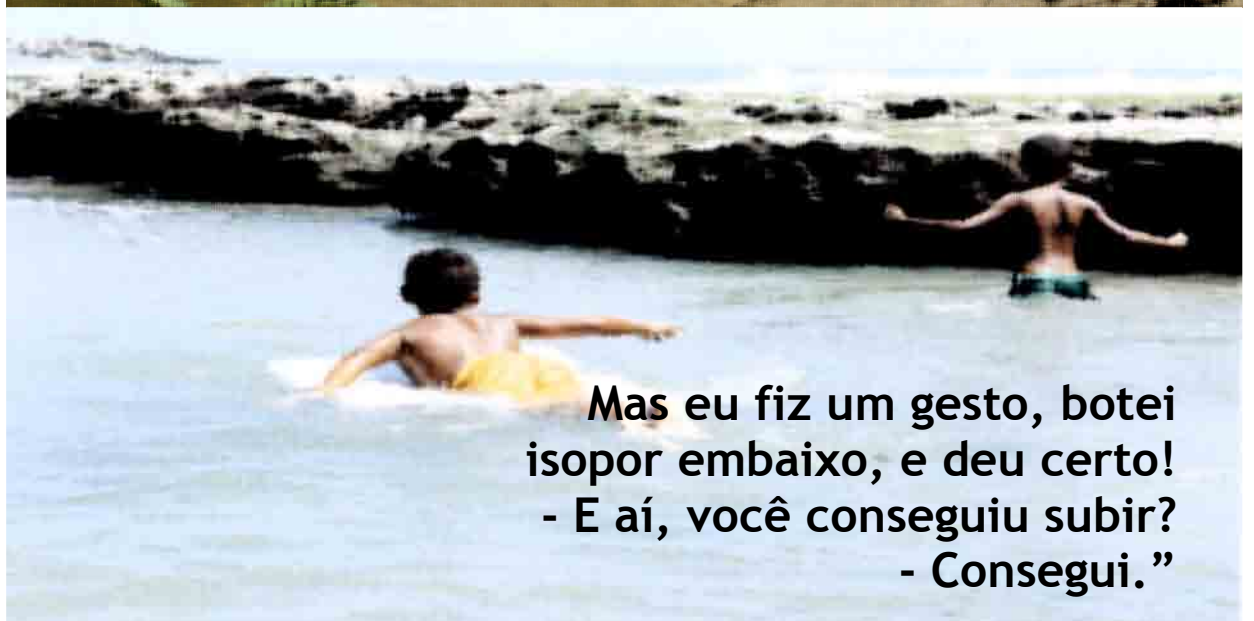
- Aconteceu!”



“Primeiro eu ia fazer um carro, e aí não deu certo, porque a tábua era de plano... aí ia fazer assim e botar os pneus.



Aí não deu certo. Aí eu peguei, já tava quadrado, furei um buraco e pus a vela. E deu certo. Só afundou, porque não podia comigo em cima.



Mas eu fiz um gesto, botei isopor embaixo, e deu certo!

- E aí, você conseguiu subir?

- Consegui.”

MAS EU FIZ UM GESTO...



E DEU CERTO!!!!

“Enquanto usa,
manipula,



pesquisa e
descobre
um objeto,



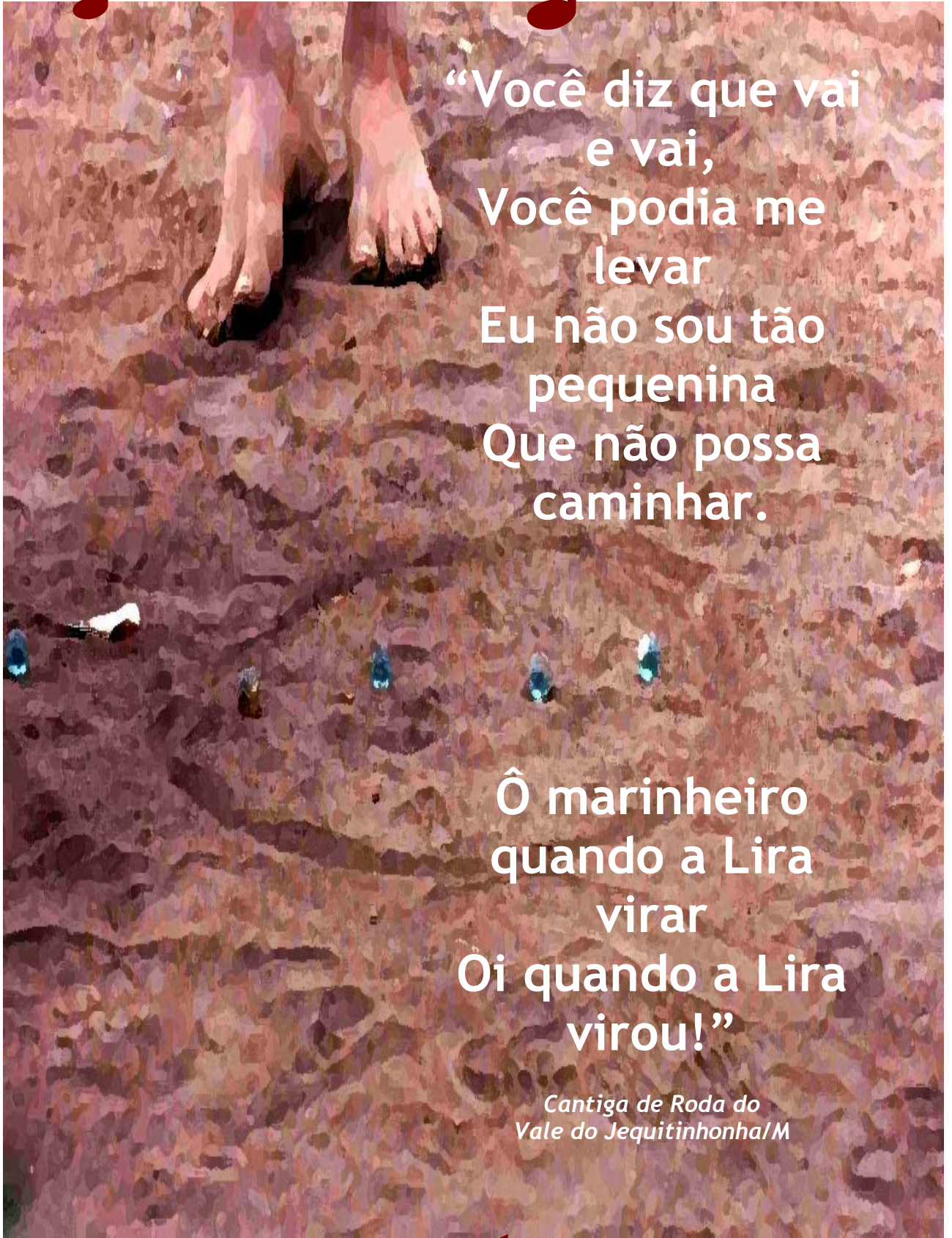
a criança
chega
às próprias
conclusões





sobre
o mundo em
que vive.”

Marina Marcondes Machado



“Você diz que vai
e vai,
Você podia me
levar
Eu não sou tão
pequenina
Que não possa
caminhar.

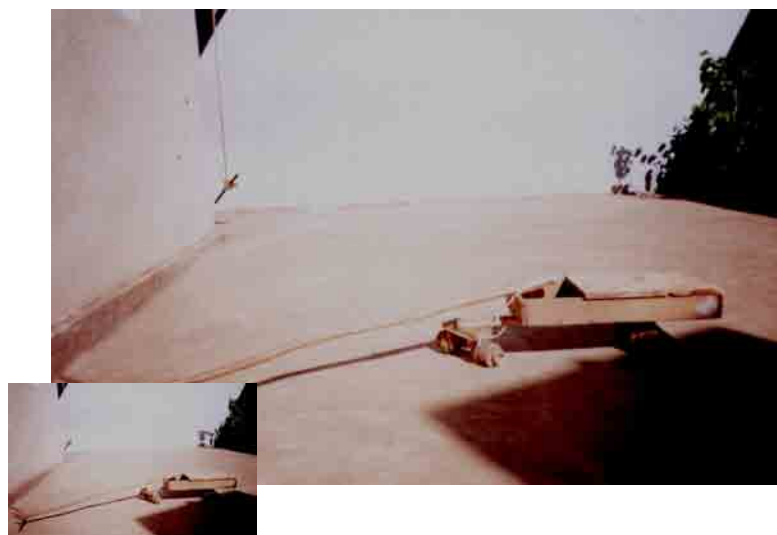
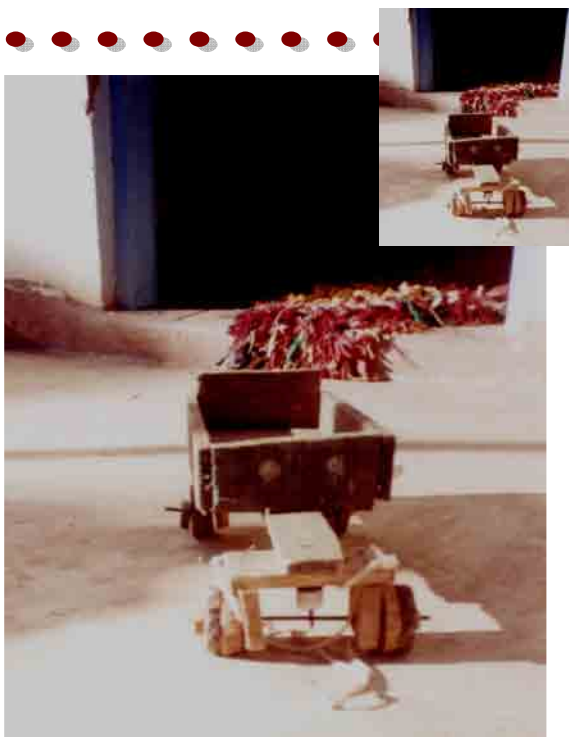
Ô marinheiro
quando a Lira
virar
Ói quando a Lira
virou!”

*Cantiga de Roda do
Vale do Jequitinhonha/M*



“Quando eu era menino, que era muito difícil a gente ver um caminhão, a primeira vez que eu vi um, eu fiz outro. Meu pai tinha uma bodega, vendia sabão e vendia charuto...”





Eu pegava aqueles compen-sados do caixão de charuto e fazia aquelas boléias todinhas com aquelas tabuinhas. Ficava bem feito. E carroceria, lastro, tudo, eu fazia das tábuas do caixão de sabão”.

Depoimento de Chico Lucas em conversa com Paula - Lagoa do Piató/ Assú/RN - 2006

“Quando puxa, empilha,
amassa, desamassa e
dá nova forma,
a criança transforma,
brincando e criando
Ao mesmo tempo.”

Marina Marcondes Machado





“Ah... a baladeira é um pedaço de couro, duas ligas e um cambito.”

(Chico Lucas - Lagoa do Piató - Assu/RN - 2006)



“- Um carro que eu sei fazer de tábua. Carro assim, de brincar empurrando. Qualquer carro.

- Mas dá pra você sentar? - Só se for a tábua grande. Você serra aí depois lixa.

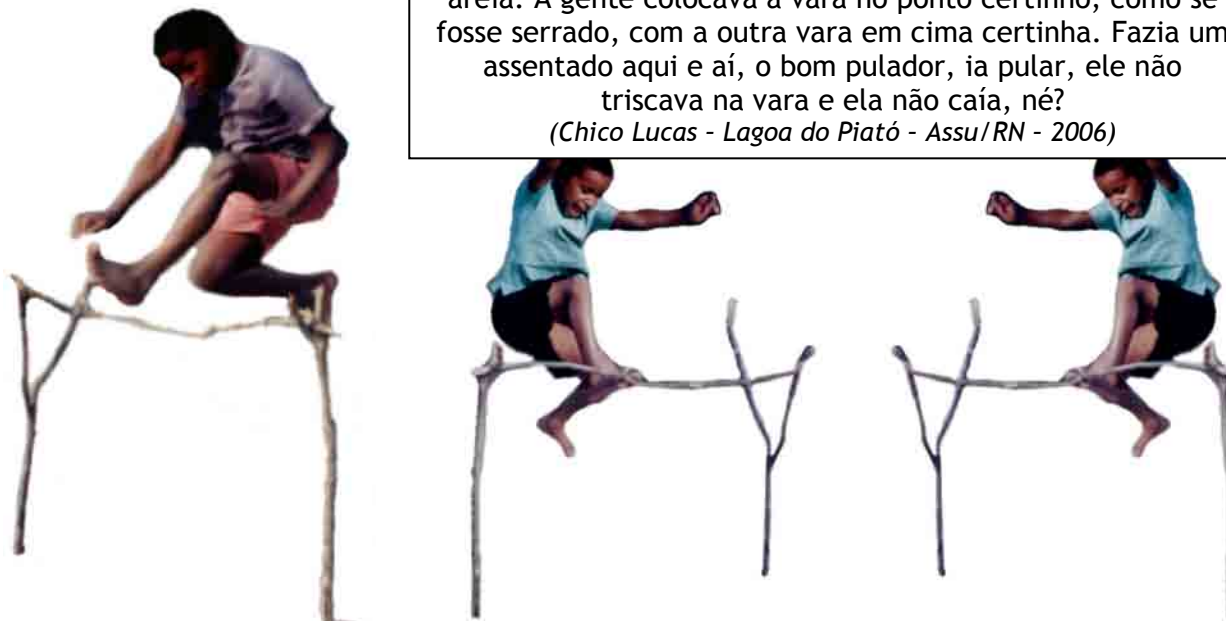
- E o eixo? Roda? - O eixo? De madeira também e roda!!

- Como? - Bota um arame grosso segura no meio aqui assim, pra ele rodar.”

(Artur, neto de Chico Lucas - Lagoa do Piató - Assu/RN - 2006)

A gente fazia um pulador. A gente fazia dois morrinhos de areia. A gente colocava a vara no ponto certinho, como se fosse serrado, com a outra vara em cima certinha. Fazia um assentado aqui e aí, o bom pulador, ia pular, ele não triscava na vara e ela não caía, né?

(Chico Lucas - Lagoa do Piató - Assu/RN - 2006)





“BORBOLETINHA...



...TÁ NA COZINHA...



...FAZENDO O CHOCOLATE...



...PRÁ VOVOZINHA...





...PETI PETI...



...PERNA DE PAU...

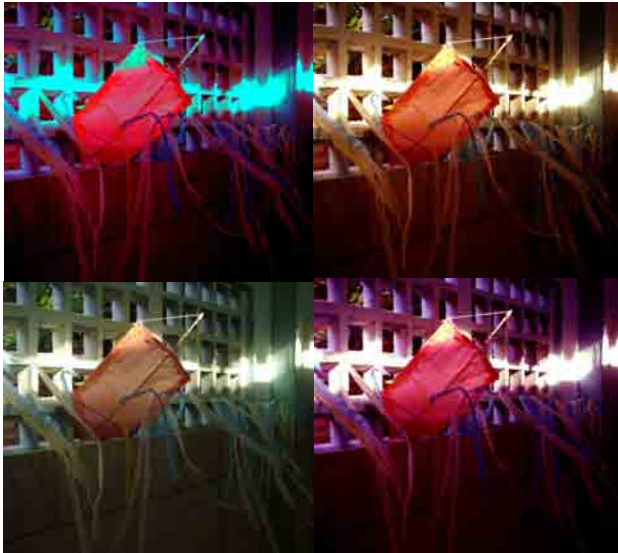


...OLHO DE VIDRO...



...E NARIZ DE PICA-PAU, PAU PAU!!!





- O senhor falou... quem é que soltava pipa? O senhor fazia?
- Fazia, pegava um pedacinho de papel, com uns pedacinhos de pau. Cortava tudinho, deixava na medida e uma hora dessas já tava na praia.

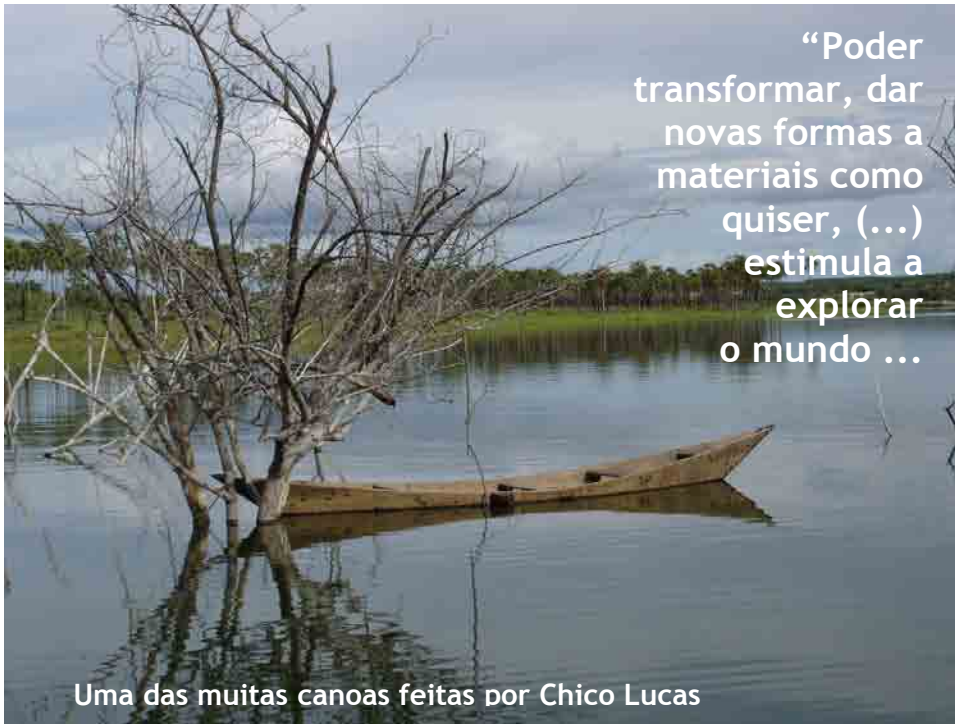
Antigamente a gente fazia assim: pegava um pedaço de papel, mandava a mãe da gente fazer goma né, aquele mingau bem grosso. Pegava e passava no papel, colava e ficava direitinho. Botava no sol, deixava secar. Amarrava do lado, fazia como um cabrestozinho pegava um carretel de linha e...

-la s'embora!

- Ora.....

*Depoimento de Seu Paulo -
Rocas/Natal/RN - 206*





“Poder transformar, dar novas formas a materiais como quiser, (...) estimula a explorar o mundo ...

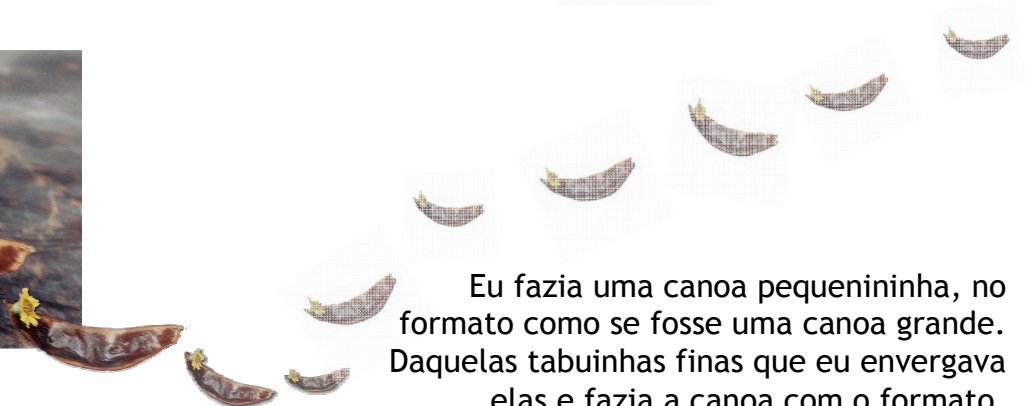
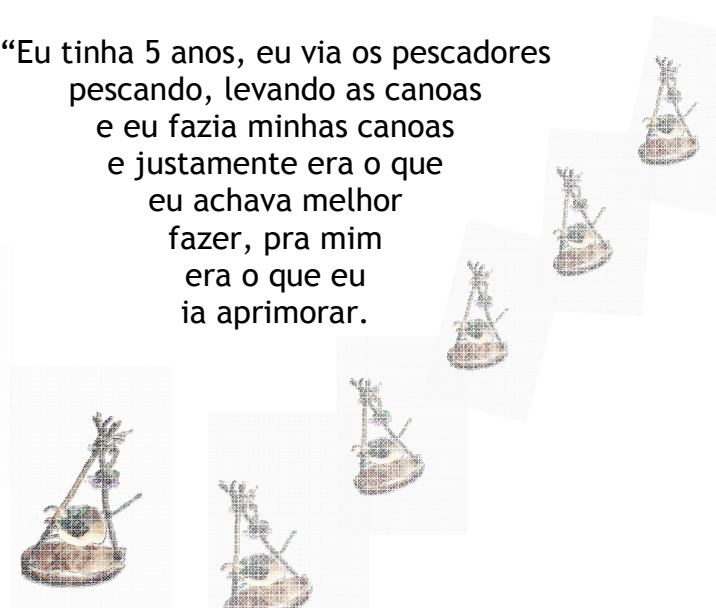
Uma das muitas canoas feitas por Chico Lucas

... de dentro e o mundo de fora dando a eles novas formas, no presente e no futuro a partir de sua vivência”

Marina Marcondes Machado.



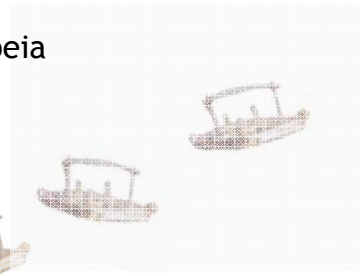
“Eu tinha 5 anos, eu via os pescadores pescando, levando as canoas e eu fazia minhas canoas e justamente era o que eu achava melhor fazer, pra mim era o que eu ia aprimorar.



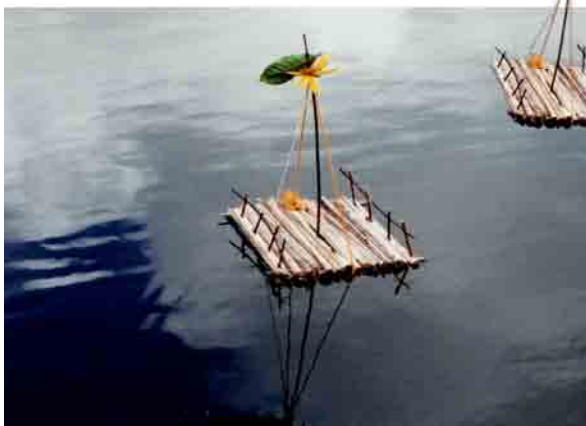
Eu fazia uma canoa pequenininha, no formato como se fosse uma canoa grande. Daquelas tabuinhas finas que eu envergava elas e fazia a canoa com o formato.



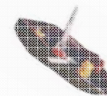
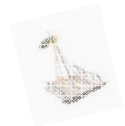
Pregava o bico, botava uma peia no meio, no centro dela e aí pegava as pontinhas, pregava novamente...



Aí fazia aqueles bonecos e quando acabava fazia os remos e botava na mão dos bonecos como se eles estivessem remando a canoa.

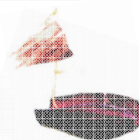
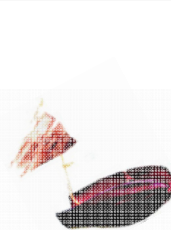


Botava dentro de um coxinho d'água que tinha ali, de mamãe botar a água para as galinhas...



Fazia aquelas canoas e botava dentro do coxo e virava o coxo a favor do vento.

Aí botava uma vela, pro vento levar a canoa, num sabe? A canoazinha!"



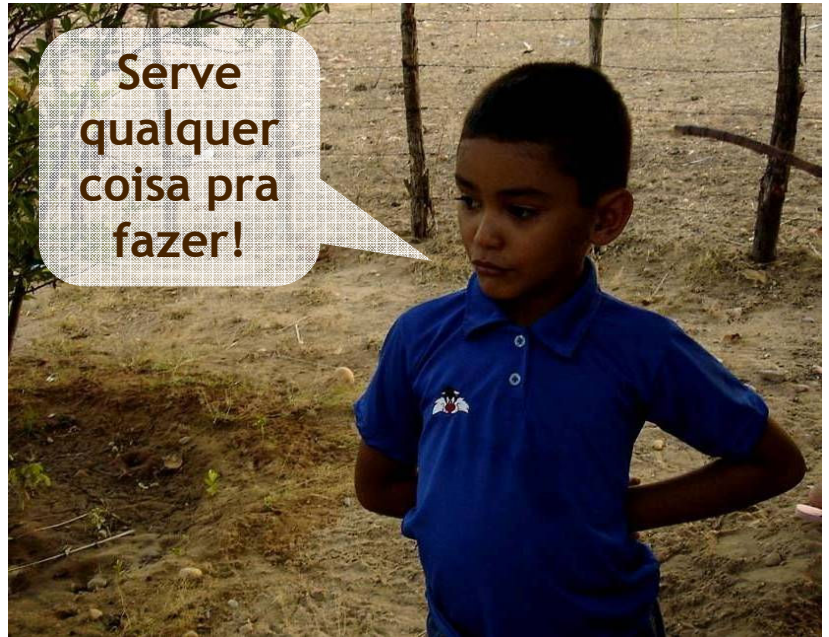
Depoimento de Chico Lucas - Lagoa do Piató - Assu/RN - 2006

É um cavalinho é?



É. Eu achei isso
pra mim fazer...
botando um
cordão ai...

DUDU
Neto de Chico Lucas
Areia Branca
Piató - Assu/RN



Serve
qualquer
coisa pra
fazer!

O Boi de Pau?



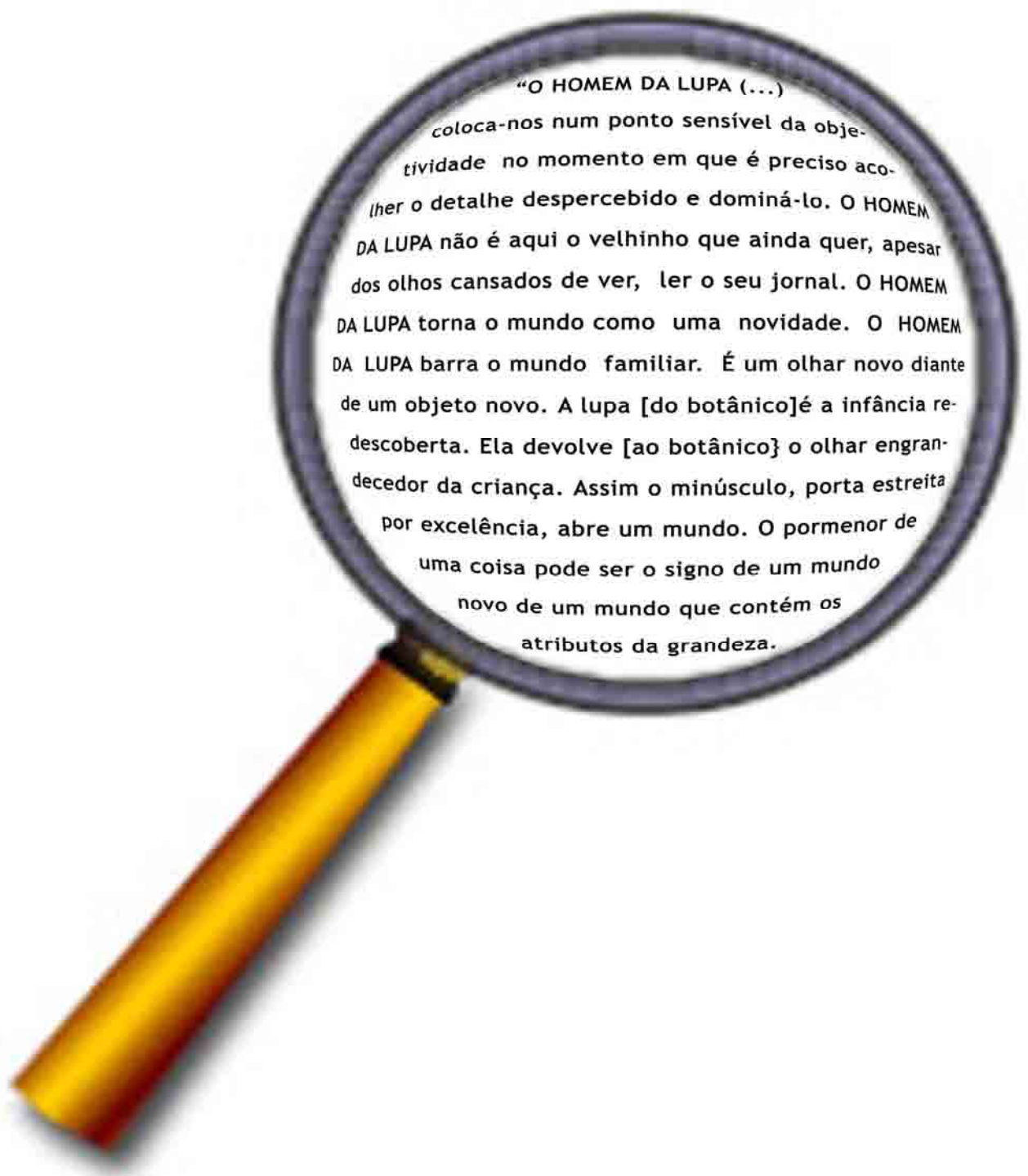
Eram meninos ramificados nos rios que lhe brincavam. O boi de pau era tudo que a gente quisesse que sêsse. Ventos. O azul passando nas graças o seu céu. Árvores que praticam sabiás. E sapo - sapo se adquirindo na terra...



...O
boi
de pau
é um
rio.
É meu
cavalo
de pau!

*Manoel
de Barros*

O meu quintal é
maior do que o
mundo, meu
pequeno mundo é
repleto de grandezas
Manoel de Barros



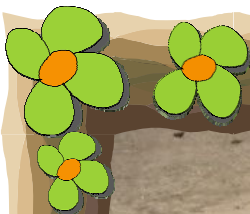
"O HOMEM DA LUPA (...)

coloca-nos num ponto sensível da objetividade no momento em que é preciso acolher o detalhe despercebido e dominá-lo. O HOMEM DA LUPA não é aqui o velhinho que ainda quer, apesar dos olhos cansados de ver, ler o seu jornal. O HOMEM DA LUPA torna o mundo como uma novidade. O HOMEM DA LUPA barra o mundo familiar. É um olhar novo diante de um objeto novo. A lupa [do botânico] é a infância redescoberta. Ela devolve [ao botânico] o olhar engrandecedor da criança. Assim o minúsculo, porta estreita por excelência, abre um mundo. O pormenor de uma coisa pode ser o signo de um mundo novo de um mundo que contém os atributos da grandeza.

“Pegar uma lupa é prestar atenção.”



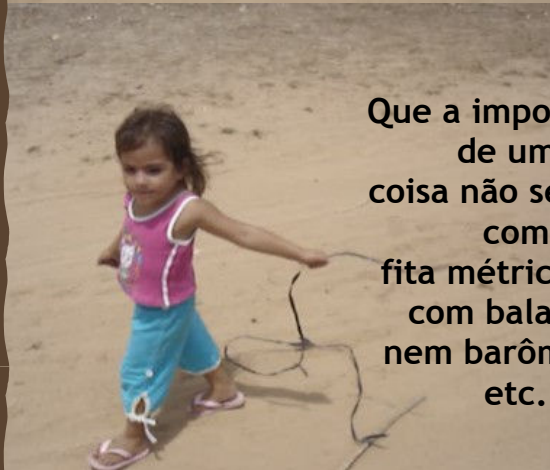
“Mas prestar atenção, já não será possuir uma lupa?” *Bachelard*



Um fotógrafo-
artista me disse
outra vez: Veja
que pingo de sol
no couro de um
lagarto é para nós
mais importante
do que o sol
inteiro no corpo
do mar.



Falou
mais:



Que a importância
de uma
coisa não se mede
com
fita métrica nem
com balanças
nem barômetros
etc.



Que a importância
de uma coisa
há que ser medida
pelo
encantamento
que a coisa
produza
em nós.



POR ISSO...



“Prefiro as máquinas
que servem para
não funcionar



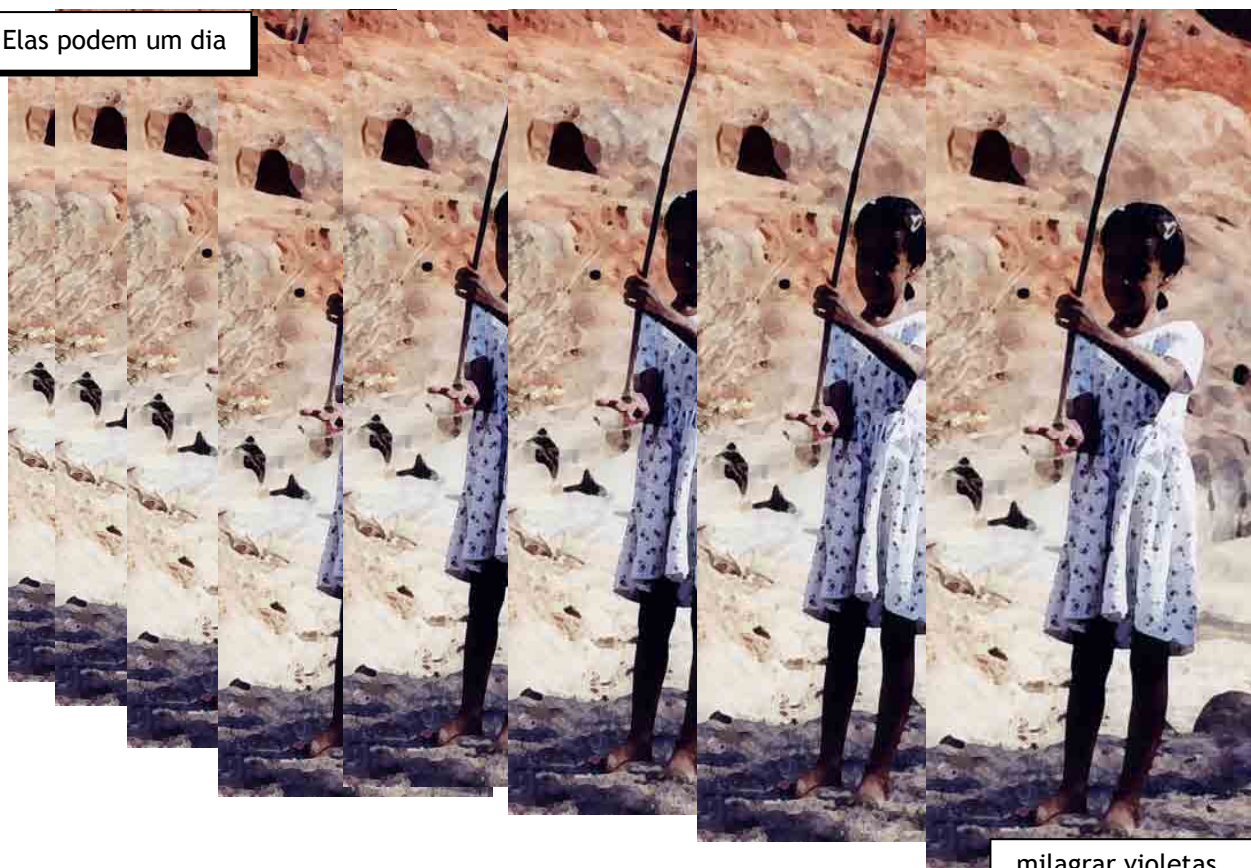
quando cheias
de areia, de
formiga e
musgo elas
podem
um dia
milagrar de
flores.



(os objetos sem
função têm muito
apego pelo
abandono.)
Também as latrinas
desprezadas que
servem para ter
grilos dentro



Elas podem um dia

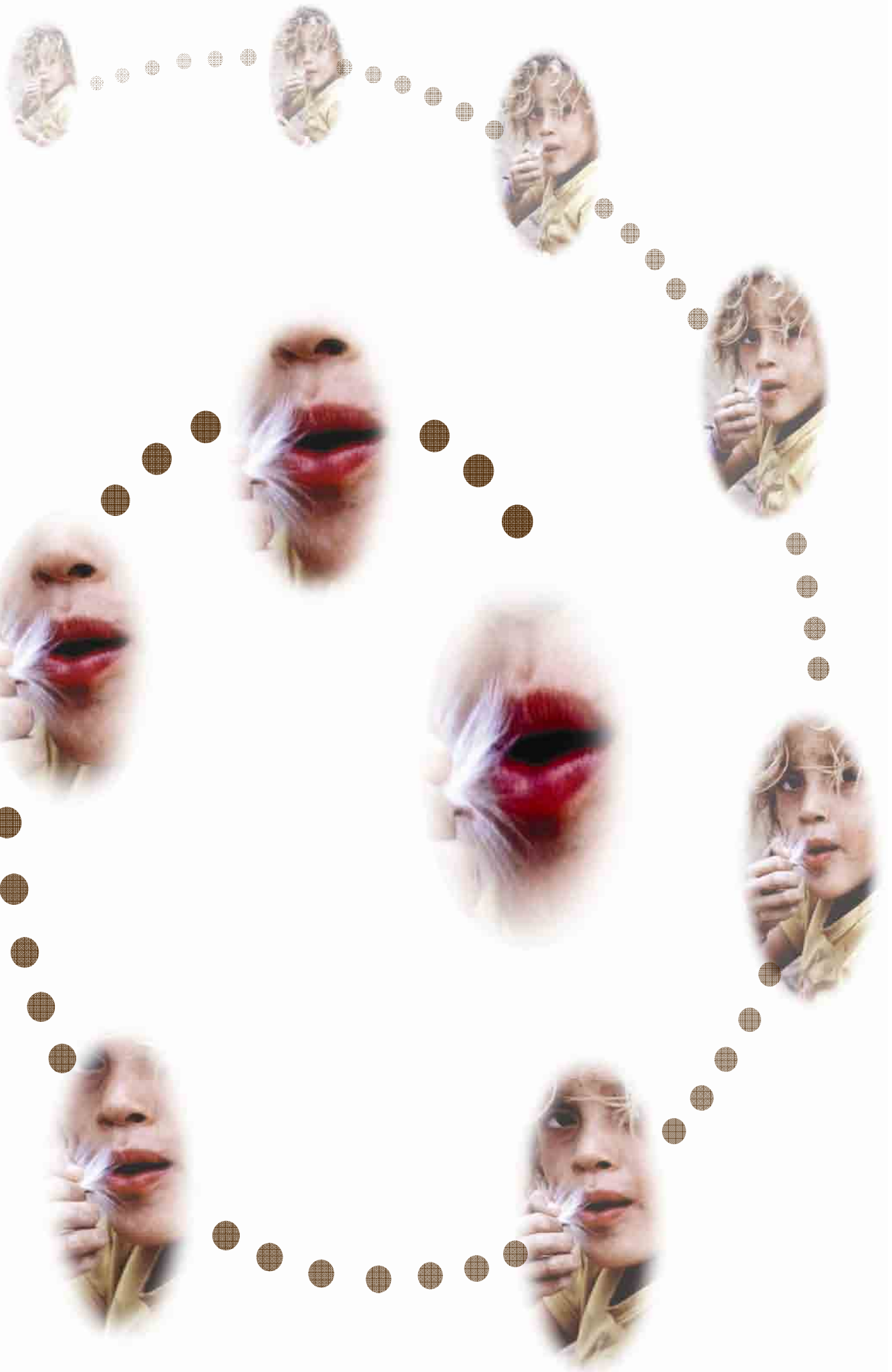


milagrar violetas.

Senhor,
eu tenho
orgulho
do imprestável!

Manoel de Barros





“Porque é claro
e evidente
que as coisas
que se passaram
com a gente
da meninice
até a flor da idade,
isso está armazenado
para sempre né?...”

Chico Lucas



“Agora só espero a despalavra:
a palavra nascida para o canto - desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.
A palavra que tenha um aroma ainda cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
O antesmente verbal: a despalavra mesmo.”

Manoel de Barros

“O senhor sabe o que o silêncio é?...

...É a gente mesmo, demais.”

FICHA TÉCNICA

Por ordem de aparição

- Título: Frase de William Wordsworth em *O menino no espelho* de Fernando Sabino.
- Poema: “Despalavra” - Manoel de Barros em *Ensaaios Fotográficos*
- Música: “Ciranda” - Menuelito no CD Monjolear de Dércio e Doroty Marques
- Primeira seqüência de imagens (em círculo):
Fotos tiradas nos seguintes locais - São João de Baixo/MG; São Gonçalo do Rio das Pedras/MG; Tombadouro/MG; Jenipapo de Minas/MG; Natal/RN; Natal/RN; Natal/RN; Natal/RN; Lagoa do Piató/Assu/RN; Galos/RN; Lagoa do Piató/Assu/RN; Turmalina/MG; Jenipapo de Minas/MG; Lagoa do Piató/Assu/RN; Galos/RN; Natal/RN; Lagoa do Piató/Assu/RN; Tombadouro/MG; Natal/RN; Córrego do Ouro Abaixo/RN; Tocoíós/MG; Abadia/MG; Cerro Cora/RN; Natal/RN; Tombadouro/MG; Tombadouro/MG; Tum Tum/MG; Garça/MG; Natal/RN; Ouro Fino/MG; Garça/MG; São Gonçalo do Rio Preto/MG; Itaobim/MG; Natal/RN; Lagoa do Piató/Assu/RN; Ouro Fino/MG; Ouro Fino/MG; Pipa/RN; Abadia/RN; Ouro Fino/MG; São Gonçalo do Rio das Pedras/MG; Pipa/RN
- Segunda seqüência de imagens:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Pipa/RN; Galos/RN; Natal/RN; Abadia/RN; Córrego do Ouro Abaixo/MG; Itaobim/MG; Lagoa do Piató/Assu/RN; Itaobim/MG; São Gonçalo do Rio das Pedras/MG; Milho Verde/MG; Itaobim/MG; Tombadouro/MG; Tum Tum/MG; Itaobim/MG; Galos/RN; Galos/RN; Tombadouro/MG.
- Texto: citação de Tsunessaburo Makiguchi, citado na tese *Vida, Experiência e Conhecimento* de Rita Ribeiro (ver bibliografia)
- Seqüência de “O que é que é?": Várias adivinhações de Seu Manoel, gravadas na comunidade de São João de Baixo/MG
- Seqüência de frases de crianças: citações do livro *Me dá teu contente que eu te dou o meu*, de Cristina Mattoso (ver bibliografia)
- Poema: Manoel de Barros em *Livro sobre o Nada*
- Depoimento de Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Depoimento de Seu Francisco, gravado no bairro Rocas/Natal/RN
- Depoimento de Artur (neto de Chico Lucas), gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Poema: Manoel de Barros em *Retrato do Artista quando Coisa*
- Foto da pipa - Natal/RN
- Poema: Manoel de Barros em *Memórias Inventadas - Segunda Infância*
- Seqüência de fotos:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Córrego do Ouro Abaixo/MG; São Gonçalo do Rio Preto/MG; São Gonçalo do Rio das Pedras/MG; Lagoa do Piató/Assu/RN; Malhada Branca/MG; Jenipapo de Minas/MG; São Gonçalo do Rio das Pedras/MG; Lagoa do Piató/Assu/RN; Minha coleção de bonecas de pano;

- Seqüência de depoimentos:
 - Sobre os currais e os bonecos de osso: Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
 - Sobre a comida de areia para as bonecas: Neta, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
 - Sobre o cozinhado e a boneca de pano: D.Zilma, gravado no bairro Rocas/Natal/ /RN
- Texto: citação do livro *O brinquedo-sucata e a criança* de Marina Marcondes Machado (ver bibliografia).
- Depoimento 1 sobre o carro de mão: Artur, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Depoimento 2 sobre o carro de mão: Severino, gravado em Assu/RN
- Imagem de menino e rolador: foto tirada na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Imagem dos pés e pião e dos meninos e pião: foto tirada no bairro Rocas/Natal/RN
- Depoimento sobre o pião: Seu Paulo, gravado no bairro Rocas/Natal/RN
- Texto: citação do livro *O brinquedo-sucata e a criança* de Marina Marcondes Machado (ver bibliografia).
- Seqüência de fotos:
 - Fotos tiradas nos seguintes locais - Natal/RN; Lagoa do Piató/Assu/RN; Natal/RN
- Depoimento: Artur , gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Texto: citação do livro *O brinquedo-sucata e a criança* de Marina Marcondes Machado (ver bibliografia).
- Seqüência de fotos junto à citação:
 - Fotos tiradas nos seguintes locais - Jenipapo de Minas/MG; Garça/MG; Lagoa do Piató/Assu/RN; Natal/RN; Natal/RN; Natal/RN; Natal/RN; Córrego do Ouro Abaixo/MG; Itaobim/MG; Ouro Fino/MG;
- Foto dos pés e bolinhas de gude: foto tirada em Ouro Fino/MG
- Texto da foto: Cantiga de Roda, gravada no Córrego do Ouro Abaixo/MG
- Seqüência de fotos:
 - Fotos tiradas nos seguintes locais - Garça/MG; Córrego do Ouro Abaixo/MG; Córrego do Ouro Abaixo/MG; Natal/RN; Córrego do Ouro Abaixo/MG
- Depoimento junto das fotos: Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Foto: Eu em Bariloche, 1974 - foto Mário Cencig
- Texto da foto: citação do livro *O brinquedo-sucata e a criança* de Marina Marcondes Machado (ver bibliografia).
- Foto menino e estilingue/baladeira: foto tirada em Ouro Fino/MG
- Depoimento da foto: Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN

- Fotos meninos e carrinhos: fotos tiradas em Natal/RN
- Depoimento da foto: Artur, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Fotos meninos e puladores: fotos tiradas em Tombadouro/MG
- Depoimento da foto: Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Seqüência de fotos:
Seqüência extraída de vídeo que registra uma brincadeira de mão, filmado por mim no bairro Rocas, Natal/RN
- Letra que acompanha a seqüência de fotos: Música de brincadeira de mão do CD *Abre a Roda Tindolelê* de Lydia Hortélio
- Seqüência de fotos pipas:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Natal/RN; Diamantina/MG e Cerro Corá/RN
- Depoimento que acompanha as fotos: Seu Paulo, gravado no bairro Rocas/Natal/RN
- Foto da canoa: foto tirada na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Texto da foto: citação do livro *O brinquedo-sucata e a criança* de Marina Marcondes Machado (ver bibliografia).
- Fotos dos barquinhos:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Padre Paraíso/MG; Padre Paraíso/MG; Turmalina/MG; Turmalina/MG (por Roque Soares Jr.); Turmalina/MG; Turmalina/MG (por Roque Soares Jr.)
- Depoimento que acompanha as fotos: Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Foto Menino: foto tirada na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Depoimento que acompanha a foto: Dudu (neto de Chico Lucas), gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Fotos O Boi de Pau?:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Garça /Lagoa do Piató/Assu/RN; Ouro Fino/MG; Lagoa do Piató/Assu/RN
- Poema “O boi de pau”: Manoel de Barros em *Compêndio para uso dos pássaros*
- Seqüência de imagens menina e cavalinho de pau: fotos extraídas de vídeo feito na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Poema: Manoel de Barros em *Retrato do Artista Quando Coisa* (adaptação minha)
- Texto “O homem da Lupa”: citação do livro *A poética do espaço* de Gaston Bachelard (ver bibliografia)
- Seqüência de imagens:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Tombadouro/MG; minha coleção de brinquedos; São Gonçalo do Rio das Pedras/MG; São João de Baixo/MG; São Gonçalo do Rio Preto/MG; Pipa/RN

- Seqüência de imagens: fotos extraídas de vídeo feito na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Poema: Manoel de Barros em *Memórias Inventadas*
- Seqüência de imagens:
Fotos tiradas nos seguintes locais - Lagoa do Piató/Assu/RN; Natal/RN; Pipa/RN; Pipa/RN; Vila São José/ MG; Natal/RN; Lagoa do Piató/Assu/RN; Depoimento: Chico Lucas - Areia Branca - Lagoa do Piató/RN; Ouro Fino/MG; Córrego da Velha/MG
- Poema: Manoel de Barros em *Livro sobre o Nada*
- Seqüência de fotos: fotos tiradas em São João de Baixo/MG
- Depoimento: Chico Lucas, gravado na Lagoa do Piató/Assu/RN
- Poema: Manoel de Barros em *Retrato do Artista Quando Coisa*
- Texto “o silêncio”: citação do livro *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa



Aqui termina esta jornada.
Tem um envelope, que
ainda não foi aberto.
Chama-se "O enigma".
Pode abri-lo. Depois que
acabar de ler, só as reticências.
Obrigado por ter vindo comigo até aqui.





"— Fale-me de outra cidade - insistia Kublai Khan.

— ...O viajante põe-se a caminho e cavalga por três jornadas entre o vento nordeste e o noroeste.... - prosseguia Marco, e relatava nomes e costumes e comércios de um grande número de terras. Podia-se dizer que o seu repertório era inexaurível, mas desta vez foi ele quem se rendeu. Ao amanhecer, disse:

— Sire, já falei de todas as cidades que conheço.

— Resta uma que você jamais menciona.

Marco Pólo abaixou a cabeça.

— Veneza - disse o Khan.

Marco sorriu.

— E de que outra cidade imagina que eu estava falando?

O imperador não se afetou.

— No entanto, você nunca citou o seu nome.

E Pólo:

—Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.

— Quando pergunto das outras cidades, quero que você me fale a respeito delas. E de Veneza quando pergunto de Veneza.

— Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.

— Então você deveria começar a narração de suas viagens do ponto de partida, descrevendo Veneza inteira, ponto por ponto, sem omitir nenhuma das recordações que você tem dela.

A água do lago estava encrespada; o reflexo dos ramos do antigo palácio real dos Sung fragmentava-se em reverberações cintilantes como folhas que flutuam.

— As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se - disse Pólo. - Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco."

FIM

FIM?



BIBLIOGRAFIA

ADELSIN. **Barangandão arco-íris: 36 brinquedos inventados por meninos.** Belo Horizonte: Adelsin, 1997.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade e cosmologias da tradição.** Belém: EDUEPA, 2001

_____. *Cultura, Cognição e complexidade.* In: **Augustus**, Vol. 05, nº10. Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Motta, Ago/Dez, 2000.

_____. **Um itinerário do Pensamento de Edgar Morin.** Cadernos IHU Idéias, Ano 2, nº18, UNISINOS/RS, 2004.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **A Fogueira do Conhecimento: religação de saberes e formação.** Dissertação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Educação. Natal, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Fragmentos de uma poética do fogo.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **O direito de sonhar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia.** São Paulo: Annablume, 1999. (Coleção E -7).

BANTOCK, Nick. **A agenda de Sabine.** São Paulo: Marco Zero, 2002.

_____. **Griffin & Sabine.** São Paulo: Marco Zero, 2004.

BARROS, Manoel de. **O Livro das Ignorâncias.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Manoel de. **O Livro sobre o nada.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **Memórias Inventadas: a infância.** São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **Memórias Inventadas: a segunda infância.** São Paulo: Planeta, 2003.

_____. **O guardador de águas.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **O retrato do artista quando coisa.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARPINEJAR, Fabrício. *Criançamento das palavras - fragmentos do ensaio 'A teologia do traste - a poesia de Manoel de Barros*. In: **ZUNÁI - Revista de Poesia & Debates**. Fragmento da Dissertação Teologia do traste: a poesia do excesso de Manoel de Barros. UFRGS. Fonte: http://www.revistazunai.com.br/ensaios/manoel_de_barros_carpinejar.htm

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003 (Coleção Questões de Nossa Época, v.99).

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

HORTÉLIO, Lydia. **História de uma Manhã**. Salvador: Massao Ohno Editor, 1987.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1971.

IGNÁCIO, Renate Keller. **Criança Querida - O dia-a-dia das creches e jardim-de-infância**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1995.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

LEVI-STRAUSS. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança. A importância do brincar, atividades e materiais**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MATURANA, Humberto & VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATTOSO, Cristina (org). **Me dá o teu contente que eu te dou o meu**. Campinas/SP: Versus, 2003.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**. O Paradigma Perdido: a natureza humana. Biblioteca Universitária. Publicações Europa-América. 1973.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1999.

_____. **Religando os saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez e Brasília: UNESCO, 2003.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

_____. **O método 6: Ética**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

_____ & LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da Complexidade**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2000, (Coleção Nova Consciência).

NUNES, Ângela. **A sociedade das crianças A'uwê-Xavante: por uma antropologia da criança**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1999, (Temas de Investigação, nº8).

PEREIRA, Maria Amélia. **Educação da Sensibilidade**. Brasília: Editora da UNB, 1994, (Textos Universitários).

_____. “A criança é um aprendiz nato”. http://www.aliancapelainfancia.org.br/paginas/aprendiz_nato.htm, acessado em 28 de setembro de 2005.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1986.

RIBEIRO, Rita de Cássia. **Vida, Experiência, Conhecimento: a reforma do sujeito em Tsunessaburo Makiguchi**. Tese em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Educação. Natal, 2006.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 19ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A vitória da infância**. São Paulo: Ática, 1994.

VERGANI, Teresa. **A surpresa do mundo: ensaios sobre cognição, cultura e educação**. Org. SILVA, Carlos Aldemir e MENDES, Iran Abreu. Natal: Editorial Flecha do Tempo, 2003.

VERGANI, Teresa. **Excrementos do Sol: a propósito de diversidades culturais**. Coleção Olhos do Tempo. Ed. Pandora. 1995.